



## A RESTAURAÇÃO

Em 1640, uns bravos que não olhavam para os homens do país visinho, positivamente como nós olhamos para as mulheres, tiveram a ideia de os despedir da sua longa visita de sessenta annos

e, um dia, ao jantar, atiraram-lhes com os pratos á cara, voltaram a meza do banquete e arremessaram-n'os pelas portas e pelas janelas.

Este facto, que pode parecer, á primeira vista, de uma indelicadeza espantosa, tem todas as côres d'uma bella acção, quando se pense que os portuguezes entravam no banquete para servir á meza, d'onde os haviam tirado á força.

Ora a lucta pela vida é uma verdade incontestavel e fatal; demais os hospedes comiam como uns desalmados e os pobres creados limitavam-se a escorropichar os copos ou a engulir sorrateiramente alguma batata frita, no caminho da cosinha para a casa do jantar.

Isto era triste, e como a paciência tem limites, um bello dia levantaram-lhes a mangedoura, como se costuma dizer, furaram uns, esfolaram outros, e esta coisa foi chamada a Restauração de Portugal.

Qualquer pessoa pode imaginar, nada é mais fácil, o que é uma restauração. A restauração d'um café, por exemplo: portas pintadas, bancos novos de palhinha, mezas polidas, tecto estucado de novo, etc,

Pois n'um paiz é, ou deve ser, a mesma coisa, e creio bem que o foi. Portas novas não se fizeram porque seriam muito grandes e dispendiosas; o tecto é ainda o mesmo, porque é o que Deus, na sua alta bondade, concedeu a todos os parvos, com a impossibilidade de lhe tocarem, aliás estaria, a estas horas, caído!

No resto, Portugal, devia ter ficado um encanto:

Rei novo, ministros todos cá de caza, serviço nosso, emfim.

A meza pôz-se novamente, e, para cumulo de vergonha para os hospedes ingratos, a agua dos manjares e d'outros misteres foi fornecida pela raça mais trabalhadora de Hespanha — o gallego!



De então para cá, com a Restauração, os freguezes affluiram, os negocios duplicaram, as minas desfizeram-se em ouro, e assim viu-se o dinheiro entulhar o erario, para se transformar em conventos brutae, em arcarias gigantes de aqueductos, em thermas, em reconstrucções, em presentes fabulosos.

O luxo appareceu com todas as cerimoniaes e paramentos do seu culto externo: os golpeados dos gibões golpharam flocos de sedas, as mais finas no tecido e na côr; as rendas mais custosas afogaram os collos e os punhos dos cortezãos; mais tarde as perolas enfileiravam-se estranguladas nas abotoaduras dos compridos colletes de setim; o ouro, a prata, os metaes preciosos revolviam-se nos arabescos ornamentaes, nos floreos embutidos dos espadins curtos, do melhor aço toledano; as sedas do Oriente cahiam em festões de prégas ludeando as janellas arqueadas dos palacios fidalgos; os tapetes da Persia forravam commodamente os largos salões, cheios da luz que enchia de estrellas os cabelos negros das patricias, cravejados de diamantes do Novo Mundo.

O ouro corria em ondas; incontestavelmente a restauração fôra completa.



Os hospedes expulsos pasmavam! Nunca tinham imaginado que a preza valesse tanto. Mudaram de tactica, depuzeram as armas e começaram a mandar-nos bilhetes de visita no dia de annos, saudades por algum portuguez que lá ia, carta de par: bens quando o pequeno fazia exame, uns galanteios, uns requebros, portuguezito para aqui, portuguezito para alli, um namoro de mil diabos. Nós a rezistir... a rezistir, de olhar desconfiado, sorriso desdenhoso nos labios, mãos nos copos da espada. Nem bilhetes, nem cartas, nem piscadellas de ôlho, nada!

E cá dentro a voz da patria, surda, espertalhona, inabalavel: bem vos conheço irmãosinhos, não pode ser, não ha dinheiro trocado!

Ha pouco, porém, um portuguez traidôr, porque os ha, (Camões, Luziadas) foi a Hespanha, e depois d'uns copos de manzanilha, estonteado pelo olhar d'uma mafiola, descahiu-se, deu com a lingua nos dentes, perdeu-nos!

—Ah! que fraco nós temos, disse elle.

—Que tal? perguntaram os descendentes dos comilões com os olhos afogeados pelo desejo de saber.

—E' cá uma coisa.

—Diga, diga.

—Não sei se...

—Entre amigos velhos, então?

—Querem saber o fracq?

—Sim, sim

—As...

—As touradas? interromperam.

—Não, nada d'isso.

—Então, então...

—As... hespanholas.

O' diabo que tal disseste, ó revelação mil vezes terrivel!

As mulheres, sim as mulheres, o amôr, a loucura, a perdição...

Portugal, és nosso!



A coisa marcha ; as cartas de namôro já têm resposta; mandam-nos um abraço e nós, em resposta, um chôcho ! Perdidos, ai, fatalmente perdidos !

De mais o governo hespanhol não se esquece um instante d'esta conquista. Todos os mezes o ministro da guerra pergunta ao ministro do fomento : o que se tem feito com relação a Portugal?

—Caro collega, no mez ultimo foram enviadas para Lisboa quinze Pepas e trinta e nove Lolás.

—Acho pouco, pouco variado. E' preciso mandar-lhe tambem Carmens, de que elles gostam muito, e Conchas e algumas Dolores.

—O nosso emissario anda por Sevilha e Gordova, veremos o que traz agora.

—Olhe, de vez em quando, é preciso exportar uma ou outra companhia de zarzuella ; do peor, v. bem sabe que ficam lá todas; mas é ganho, a união faz-se lenta mas seguramente. Ah ! sr. Pinto Ribeiro, sr. Pinto Ribeiro, ha de pagar-nos o arrojo !

Eis, caros patricios, porque nos sentimos resvallar para a servidão ; porque «entimos nos pulsos a prisão dos grilhões tão habilmente postos, porque cantamos malagueñas a sonhar !

Patriotica «1.º de dezembro» cobre-te de crépes ! Portuguezes sem confeição, tremei ! : o anjo das grandes agonias cobre com a sua longa aza negra os destinos da patria Parvonia ! «Madame est... mourante» !



Amigos e visinhos, estaes completamente enganados, isto variou muito, sois uns namorados parvos.

Ha 248 annos que este estabelecimento foi restaurado, supponde como deva estar. Nojento, meus amigos, immundo. Os «bancos» quebrados, as paredes sujas, chove como na rua : dinheiro pede-se e não se paga, «cães» por todos os lados, freguezes nem um ; a corrupção, a immoralidade por toda a parte.

Uma miseria geral, a exploração odiosa e tolerada, o roubo legalisado e impune.

Uma bambochata, um delirio, uma pandega. O extremo do ridiculo misturado ao horrivelmente tragico.

Não agiteis a agua, não vos debruceis no namoro, deixai-nos apodreecer.

Ouvis o trombone, ouvis : tremei !

E' a trombeta do nosso Josaphat que chama os mortos da revolução. Mortos, surji ! fazei-nos o favor de pôr na rua estes hespanhoes cá de casa ! Toca o hymno !



## A 1.º DE DEZEMBRO

Ha muita gente que tem o costume de rir de tudo.

Assim, não é a primeira vez que graciosos de mau gosto, tem dirigido epigrammas e ditos á associação «1.º de dezembro», com certeza a mais util, a mais respeitavel das associações portuguezas.

Como não dá «salsifrés» toda a gente troça da sua existencia, e todavia a grandiosa associação vive exclusiva, santa, nobremente entregue á inspecção, á policia do grande «salsifré» da patria.

Que maior titulo de recommendação e que maior braço d'orgulho?

Quiz convencer-me por mim proprio, e sabendo que no velho e historico palacio se conspirava ainda hoje, escondido nas sombras pude ver chegar alguns dos vultros que secretamente entram uma porta escusa da veneranda morada, trocada previamente a senha.

Ao approximar-se um d'elles, fingi que passava e ouvi :

Truz, truz.

—Quem és?

—O irmão 126.

—Como te chamas?

—Come-hespanhoes.

—D'onde vens ?

—Do exilio do Poço do Bispo.

—O que desejas?

—A salvação da patria.

—Entra irmão ; que S. Jorge abençoe a tua espada.

—Não trago espada, trago uma bengala de ginjeira.

—E' o mesmo, entra. Que S. Jorge proteja a tua bengala de ginjeira.

—E entrou.

Durante a noite, disse-me o guarda nocturno, perto de cem vultros entraram, assim, mysteriosamente, no velho palacio dos Almadas.

Que terriveis juras irjam pelas salas mal alumadas ! Quantas esposas na vespera da viuvez ! Quantos filhos sem pai !





Esprei a sahida, segui um dos embuçados, e defronte d'um candieiro que alumia a estatua do restaurador, do Rocio, atravesei-me deante, embargando-lhe o passo:

—Quem quer que sejas, em nome de ei-rei, desmascara-te ou morres.

Surprehendido, o homem desembuçou-se; era o meu barbeiro!

—Ah! miseravel, és então tu um conspirador!

—Pela salvação da patria, senhor.

—Um conspirador sem gravata preta, sem cabelleira loura; pois já se conspira assim em Lisboa?

—Desculpe-me; aquelle freguez, que é do tribunal de contas, de bigode grisalho, foi quem me deu o bilhete. Estava hoje de folga, quiz aproveitar a noite.

—Que fizeram então por lá? Conta-me tudo, senão...

—Coisas terriveis. Aquillo é uma commissão de vigilancia, contra os ibericos. Leram-se os nomes dos suspeitos e jurou-se não os perder de vista um só momento! Ha lá nomes de todas as classes, até o Patriarcha!

—O Patriarcha?

—Sim, senhor: diz que escreve corações com o, e isto é da reforma da orthographia hespanhola...

—Oh!

—Leram-se os nomes dos ibericos mortos. Barboza Leão, ainda pela questão orthographica; o n.º 23 que morreu tísico na Penitenciaria, porque se chamava—o Hespanhol; e uma hespanhola que se suicidou na tipografia 124!

Dos vivos expulsou-se da sociedade o dr. Abelha que traduziu um romance de Caldés para portuguez, e o padre Miranda que só fuma cigarrilhas Moriones!

E chegando-se a mim, mysterioso: e o sr. D. Affonso foi tambem indigitado.

—Iberico?

—Suspeito.

—Hein!

—Recebeu-se, na meza, um officio que dizia que elle, no theatro Real de Madrid, dissera para o ajudante:

—O' menino, que bonitas mulheres; aqui é que se comprehende bem a união da raça latina!

—Oh! com a bréca!

—Como lhe digo, e boas noites que está frio. Não revele os segredos que lhe confiei, aliás... creia que lhe periga a vida.

—Fiquei absorto; de subito, de joelhos em terra e oihando para as estrellas do ceu, exclamei: bemdito sejas, Senhor, que conservas para defeza d'esta patria minha amada estes ganços de casaca e chapéu de pasta!

A sentinella gritou: quem está ahí?—Eu! ou antes a imagem da patria agradecida!

—Adeante, amigo; passe de largo, ou vai para a esquadra.

Era um iberico, o miseravel; passei-lhe ao lado e li-lhe o numero da gola, que hei de denunciar ao meu barbeiro.

Traidores! estamos sobre um vulcão, até o exercito!

Eis um simples episodio, Que se ria alguém da benemerita associação!



## CURIOSIDADES CAMARARIAS...

Sessão do dia 25—Antes de se encerrar a sessão, o sr. Magalhães Lima pediu informações sobre os resultados praticos do methodo de João de Deus nas escolas municipaes, ao que o vereador do pelouro deu todos os esclarecimentos, demonstrando que esse methodo não deu resultado vantajoso, apesar de superiormente ser dirigido esse ensino pelo seu proprio auctor.

Diario de Noticias do dia 26.—Do sr. João de Deus recebemos hontem a seguinte cartá:

Sr. redactor.—Com este titulo vem hoje, 25 de novembro, um artigo no seu acreditado jornal. A respeito do penultimo paragra-pho, peço o favor de mandar inserir a seguinte declaração, que recomendo á attenção da dita camara: «Eu nunca soube onde eram taes escolas para as poder visitar quanto mais dirigir, nem soube nunca ao menos quem eram os encarregados ou encarregadas do ensino pelo meu methodo.»

Sou sr. redactor, etc.

Lisboa, 25 de novembro de 1888.

João de Deus.

Que demonio de esclarecimentos daria o tal vereador do tal pelouro? E se é certo que João de Deus nem sabe onde são as escolas, quem imaginará o tal vereador que é o auctor do methodo de João de Deus? Acaso haverá dois Joões, um o auctor do methodo e outro que anda pelas escolas da camara a ensinal-o superiormente?

Aqui ha por força confusão. O sr. Magalhães Lima perguntou pelo methodo de João de Deus e o sr. vereador confundiu com o methodo de João de Gatinhas, usado nas escolas da camara.

Foi, talvez.

Assim comprehende-se como sua ex.ª pode dar informações e como o illustre poeta pode tirar de si o pezo d'uma gloria que lhe não pertence.

Sempre ha cada camarista empelourado!



## TE-DEUM LAUDAMUS

A Associação Primeiro de Dezembro é uma especie de rebólo, em que alguns burguezes, irmãos do Santissimo, e varios pachidermes mais ou menos conselheiros, aguçam o seu patriotismo embotado e ferrugento:

Essa associação, como todas as cousas que teem existencia officia! n'este paiz, afirma a sua actividade pela celebração de um *Te-Deum* annual e pela exhibição de alguns foguetes de sete repostas, lançados para o espaço azul ao som dos trombones patrióticos das musicas desafinadas e estapafurdias.

Fora d'isto ella já conseguiu, á custa de algumas subscrições trabalhosas, de beneficios em theatros e de outros expedientes pecuniarios, levantar para ahí um monumento, que, se não é um assombro artistico, tambem não pôde dizer-se uma chapada tolice. Fez muito, fez mais do que era de esperar do seu patriotismo. Mas a sua vocação é o *Te-Deum* e o foguete; e é esta paixão pelo incenso dos thuribulos ecclesiasticos e pelo cheiro da polvora bombardeira, que lhe imprime uma feição eminentemente nacional e indigena.



Toda a alegria portugueza se resolve hoje n'estas duas affirmações de sachristia:—o *Te-Deum* e o foguete de arraial! O *Te-Deum* é o sorriso de satisfação interior, composto e discreto, da nossa sociedade; o foguete é a sua gargalhada alvar e escancarada.

Um candidato ministerial vence uma eleição? *Te-Deum*.

A therapentica consegue concertar os rins avariados de Sua Magestade? *Te-Deum*.

A Providencia digna-se mandar chuva aos nabaes? *Te-Deum*.

O Arroyo fez um discurso na camara? *Te-Deum*.

O rei Guilherme de Paredes cura se de umas sezões teimosas? *Te-Deum*... e foguetes.

A esposa do conselheiro Acacio dá um menino á luz? Foguetes e *Te-Deum*.

E andamos n'isto.

Se não fosse tão profundamente idiota, era divertida esta nossa sociedade portugueza.



**Telegramma a proposito.**—«Cezimbra 27. Foi inaugurado o julgado municipal d'esta villa.

...O nosso amigo M. Polvora proferiu na sala da camara um magnifico discurso. Musica, girandolas de foguetes, grande entusiasmo, emfim».

Um discurso de polvora, imagine-se. E que assumpto:

Cezimbra livre da escravidão! com os pulsos ainda arrouxeados das algemas, elevados ao'ceu, nos impetos de graça!

Isto incendia um marmore quanto mais um Polvora!

E que coincidência, senhores, a Restauração de Portugal e a Restauração de Cezimbra. Venha o novo hymno, a marseilleza dos julgados municipaes, de que é João Pinto Ribeiro o conspirador Beirão.

Cezimbrenzes é chegado...



## Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que enviámos os seus recibos para as estações do correio das suas localidades, e pedimos-lhes o favor da brevidade no respectivo pagamento, para a boa regularidade do nosso expediente administrativo.



## Aos nossos assignantes do Brazil

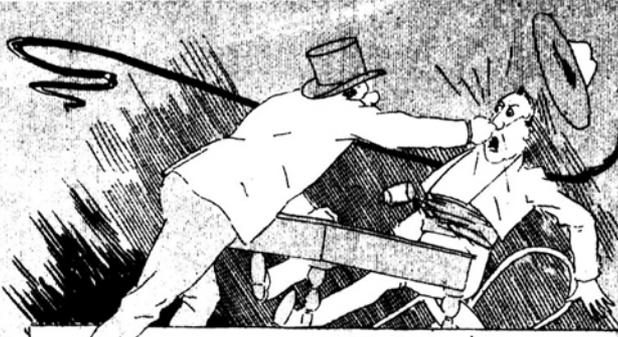
Tendo saído errado, nos prospectos e nos primeiros numeros d'esta publicação, o preço da assignatura para o Brazil, erro que nos causaria um grave prejuizo, se permanecesse, attendendo ao elevado custo do porte do correio, prevenimos os nossos assignantes d'aquelle imperio que o preço da sua assignatura fica sendo:

**Anno ..... 4\$000 réis (MOEDA FORTE)**  
**Semestre 2\$000 réis (MOEDA FORTE)**  
 conforme já vae indicado na capa do presente numero.



# A Avoroda

NUM 4 DE DE  
CAMTEMAS



TEM OBRAS PARA  
NOS INTERIR



JULIO MACEDO

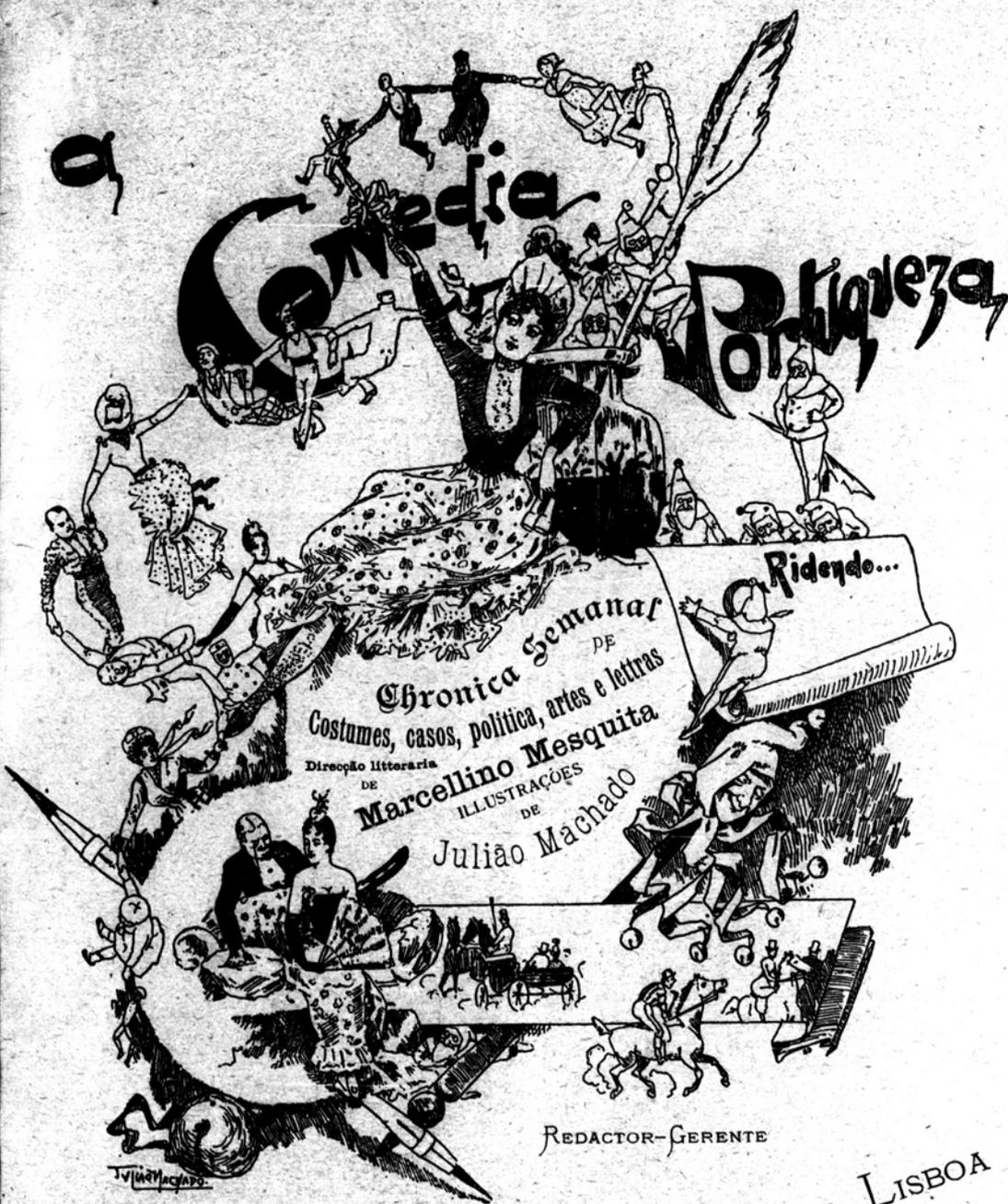


PERO SI NO SE AVORODA



EM (COM) TAVOLA COMO A RESERVA DE FUMIGAZES E CIGARROS

A COMEDIA PORTUGUEZA



REDACTOR-GERENTE

SILVA LISBOA

rio da Administração — Rua Ivens, 41, 1.º

Condições da assignatura

LISBOA — Anno, 2,500; Semestre, 1,300; Trimestre, 650. — PROVINCIAS E ILHAS — Anno, 2,600; Semestre, 1,400;  
 fr. 700. — HESPAÑHA E AFRICA occidental e oriental — Anno, 3,000; Semestre, 1,600. TODOS OS PAIZES DA  
 POSTAL — Anno, fr. 2,200, ou lb. 1,100, ou mk. 13,00; Semestre, fr. 1,150, ou lb. 0,6,10, ou mk. 6,80 — BRAZIL (moeda

as assignaturas são pagas por linha de reis. Assignaturas illustradas a preço convencional.  
 as assignaturas são pagas por linha de reis em dinheiro e paga adiantada. A cobrança das importancias das assignaturas nas  
 assignaturas são pagas por linha de reis em dinheiro e paga adiantada. A cobrança das importancias das assignaturas nas



Do meu quarto, que dá sobre uns quintaes,  
 descubro todo o bairro; e muita vez  
 vejo evolar-se o fumo em espiraes  
 das negras chaminés.

Quando vou á janella, ao Sol poente,  
 horas em junho de accender os lares,  
 meus olhos vão seguindo longamente  
 o fumo pelos ares.

E penso ver formarem-se, na vasta  
 immensidade, esplendidas imagens;  
 até que o fumo pelo azul se gasta  
 nas mais altas viagens.

Todo este quadro é tão banal que então  
 chego a rir-me de mim, de que resumo  
 na minha eterna e doce aspiração...  
 que se assemelha ao fumo.

Antonio Fogaca.





Dedicamos á memoria de Antonio Fogaca, um intelligente poeta e um amigo, fallecido em Coimbra, a primeira pagina do nosso Semanario.

Diz a ballada que os «mortos vão depressa».

Este pequeno testemunho, permanente, terá a propriedade de protestar contra esse esquecimento tão fatal como lamentavel, renovando de futuro—o prazer amargo d' saudade.



### A «REVOLUÇÃO DE SETEMBRO»

«Este numero occupa-se exclusivamente da commemoração do 1.º de dezembro ridicularizando-se esta festa nacional que devia ser um fervoroso culto para todos, e motivo sufficiente para afongtar o riso alvar e idiota do indigena.

Mal da collectividade que esquece as suas tradições, e que em festejos publicos as não transmite ás gerações novas para que continue este livro vivo, que vale bem mais do que as chronicas arrumadas nas prateleiras das bibliothecas.

Não esqueça o povo portuguez estas datas, onde vae envolvido um testemunho de gratidão aos nossos gloriosos avós que, durante 28 annos, derramaram o seu sangue para sustentar o facto de que os fins espiritos de que agora se riem.»

Taes palavras, entre outras, tirou do peito amantissimo a «Revolução de Setembro», em queixa de «mater dolorosa», pelo assumpto do ultimo numero da «Comedia Portugueza». A «Revolução de Setembro» bem se vê que é femea; se fosse macho do jornalismo, não teria a fina sensibilidade hysterica do patriotismo de lepes, nem viria humedecer de sentido pranto a memoria ridicula da pepincira festiva com que uns ingénuos zombam, annualmente, dos sentimentos generosos e intimos de muitos portuguezes. Se a «Revolução» entende que é ser patriota expór á vista do estrangeiro essas festangas d'arraial saloio e dizer lhe que ellas synthetisam a vitalidade da patria, o enraizamento do sentimento da independencia, na alma popular, oh! nós declaramos, alto e bom som, que é falso, que essa palhaçada representa apenas a concepção obtusa de meia duzia de cerebros enfermiços, que ella é apenas um dos tantos pretextos com que uns frigidieiras ridiculos adornam os ocios, e que n'essa festa, que festa! não entra um elemento sério da patria, uma collectividade, de responsabilidade, de valor elevado, artistico, litterario ou scientifico.

Que o estrangeiro o saiba. As ridiculas festangas do dia 1.º de dezembro, não são manifestações nacionaes; teem o mesmo valor que um baile no Ponte de Lima, ou um salsifré em casa de Polycarpo Banana.

Precisamente.



Então não queria a «Revolução» que fizemos vénia a umas duzias de foguetes e oito palmitos ridiculos, accessos em redor do obelisco? Não queria ella que nós dissessemos, a sério, aos estrangeiros: embasbae e vêde o que é amor da independencia entre nós!

Mas a idéa, que esse homem faria de nós era, simplesmente, de que agonisávamos! Se as manifestações que se exhibiram fossem as d'um povo, cioso da liberdade, qualquer concluiria que era o ultimo esbracejar d'um muribundo.

Não fomos nós so a rir. Collegas que não podem ser acoimados de anti patriotas censuraram essas manifestações, por baixas, indignas do facto.

Esses foram verdadeiramente patriotas.

A respeitavel collega está ainda nos tempos em que a rethorica substitua a verdade e servia para encobrir vergonhas, com bombas grammaticaes. Isso já lá vai. E' do tempo dos canudos nas fontes e do balão de tres arcos. Hoje chega-se á perfeição de considerar muito mais util um homem que faz um parafuso bem feito, do que um oradór laureado, que leva duas horas, em flôres oratorias, para dizer o que se dizia bem em cinco minutos.

Nós—conhecemos—o patriotismo de V. Ex.ª, pedagogica collega e senhora. E' o que nos tem posto n'este rico estado em que estamos; é o mesmo que fez como na data celebre de 1.º de dezembro, haja um cortejo civico de oitenta meninos em regabofe de feriado, e oito palmitos hilariantes a incommodar os morcegos que habitam o monumento symbolico dos nossos brios, e com que seja feio que uma pessoa mais afeitada as cócegas dê a sua rizada ao esbarrar com a dança.

E' muito patriota, é muito patriota... e apósto que não pôz luminarias?

—Não puz porque...

—Bem, bem, não fallemos n'isso. Vá lá uma pitada do meio grosso.

Ellá é bôa pessoa... são birras... é velhice, coitada, se até já anda para a esquerda.

Até sempre, avósinha.



**Imprensa.**—O estrangeiro que, por estes dias, em hora de desfastio ou de curiosidade, se lembrasse de conhecer um pouco do estado da politica portugueza, devia ter uma d'estas impressões graves que nos antevizam dos grandes cataclismos.

Que linguagem vernacula, que força d'argumentos, que pujança de estilo!

Mas o que vai resultar d'aqui? Um rio de sangue? dois rios de sangue? tres rios de sangue?

São jornalistas, não é verdade? Não bater-se, derramar o ultimo pingo de sangue, perante as offensas que se atiram, ferozmente, cruelmente, horrivelmente?

Oh! não amigo, tudo isto vai resolver-se em cinco discursos, tres vivas, meia duzia de foguetes e o hymno da Carta soprado galhardamente perante o «centro» convulsionado, deante da redacção invadida pelos partidarios, voz em grita, clamantes, viva o partido de tal, e o dr. de tal, e mais o senhor fulano de tal!

A'manhã terá passado a furia, caçado o esforço partidario, esmorecido o echo das injurias no brou-ha-ha dos gritos de applauso, o paiz continuará socegradamente o seu caminho de esphacelamento e a terra não deixará de rodar no seu eixo pelos espaços celestes.

Apenas o jornal conservará para os futuros historiadores da nossa decadencia, mais esta nota solta, evcessivamente ridicula se não fosse profundamente triste.

Realmente, vir um partido lavar com musica e vivas as offensas d'honra d'um partidario, mais parece caso de opera buffa do que episodio da vida real.

Este exemplo é extraordinario em todo o sentido; tão extraordinario, como se alguém se lembrasse de mandar á lavadeira a cara róxa por uma bofetada... para limpar.

Coisas filhas das convicções politicas profundas dos politicos portuguezes! Oh! as convicções politicas! Vamos rindo!



**Apupos.**—A rapaziada do lyceu depois de aclamar por essas ruas a liberdade do territorio, entra francamente no periodo das reclamações e começa a gritar á porta do lyceu, pela liberdade da consciencia.

Era na occasião em que um dos reverendos de S. Luiz passava gravemente para o templo. A policia sabedora de que na Carta Constitucional da monarchia ha tolerancia para todas as religiões, como para todos os abusos, prendeu um dos rapazes.

Este facto é gravissimo porque demonstra que atravez das declinações latinas e das analyses grammaticas, as ideas livres penetram nos cerebros jovens dos rapazes, imprimindo lhes estes ruidos de revolta contra os grandes principios.

Pedimos aos rapazes mais respeito pela liberdade alheia, mas rogamos-lhe ao mesmo tempo, que se sentem a necessidade de se revoltar comecem por revoltar-se contra os programmas do lyceu, contra a sciencia bolorenta dos professores.

Creiam que lhes será mais util. A maneira de combater o Lazzarista não é apupando-o, é espalhando as bellas verdades modernas, os grandes e generosos principios do saber hodierno, que o systema velho do ensino lhes não permitirá alcançar, se não se libertarem da sua influencia pelo estudo particular e livre.

Eis o ponto a ferir; eis o objecto que devia merecer-lhes a graça dos apupos! A elle.



**Philosophicos.**—O sr. Agostinho de Carvalho, professor de philosophia, e, segundo dizem, um dos professores mais distinctos no quadro dos professores de ensino livre, é arguido por um moralista austero, de ter a condemnavel opinião de que o suicidio é justo e não sei se mais alguma coisa.

E, como se n'este paiz alguém se importasse com as opiniões individuaes dos philosophos, surgem uns defensores aguerridos a protestar, dizendo que é falso, que só por brincadeira o illustre professor tem defendido tal opinião.

Tem graça.

De modo que n'este paiz, um homem, um philosopho sobre tudo, ha de ter a opinião de Thales de Mileto ou d'outro patusco contemporaneo do Thales.

Isto não é defender o suicidio. E' expôr a critica mesquinha d'um sujeito que imagina que a philosophia é uma nóra d'onde não é licito sahir.

Quem é que vai perguntar aos senhores professores dos nossos lyceus a responsabilidade das calinadas dogmaticas com que nos abarrotam os cerebros? Pois não ensinam elles por lá que ha idéas innatas, que a alma é immortal, e outras tolices d'este lote? Quem vae indagar-lhe a responsabilidade nas monomanias religiosas e na apparição crescente dos cretinos? Que miseraveis razões obrigam os pobres rapazes a engulir na perspectiva d'um R!

Querem ver que esses suicidas que encheram o mez passado de uma funebre nota melancolica, eram discipulos do sr. Carvalho?

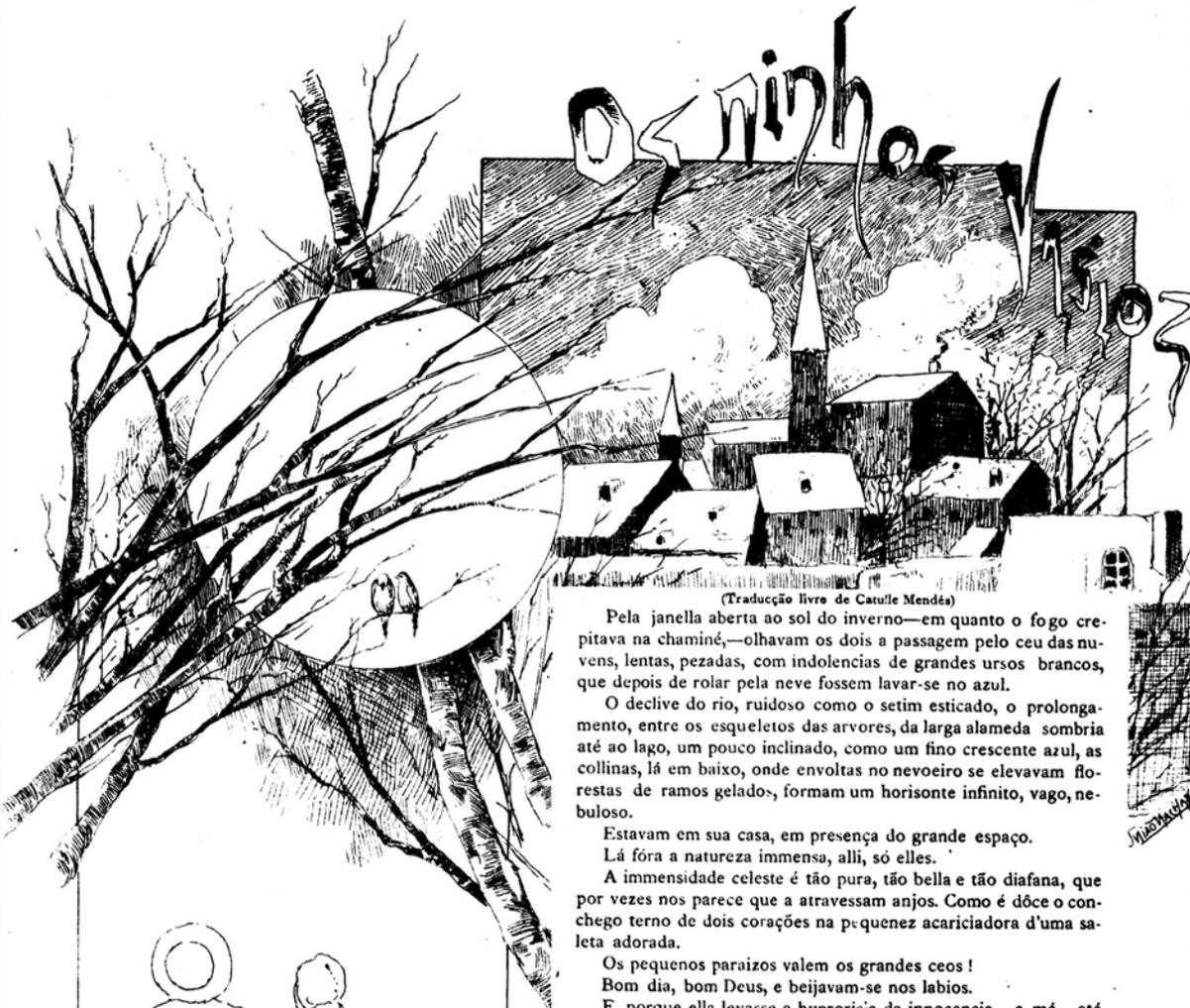
E que admirava que o sr. Carvalho defendesse o suicidio? não ha quem defenda a nova reforma da instrucção?

Ao menos era um philosopho nosso com uma idéa sua!

Caramba, um philosopho portuguez com uma idéa! que luxo!



# O Ninho



(Tradução livro de Catulle Mendès)

Pela janella aberta ao sol do inverno—em quanto o fogo crepitava na chaminé,—olhavam os dois a passagem pelo ceu das nuvens, lentas, pezadas, com indolencias de grandes ursos brancos, que depois de rolar pela neve fossem lavar-se no azul.

O declive do rio, ruidoso como o setim esticado, o prolongamento, entre os esqueletos das arvores, da larga alameda sombria até ao lago, um pouco inclinado, como um fino crescente azul, as collinas, lá em baixo, onde envoltas no nevoeiro se elevavam florestas de ramos gelados, formam um horizonte infinito, vago, nebuloso.

Estavam em sua casa, em presença do grande espaço.

Lá fóra a natureza immensa, alli, só elles.

A immensidade celeste é tão pura, tão bella e tão diafana, que por vezes nos parece que a atravessam anjos. Como é doce o concheo terno de dois corações na pequenez acariciadora d'uma saleta adorada.

Os pequenos paraizos valem os grandes ceos!

Bom dia, bom Deus, e beijavam-se nos labios.

E, porque ella levasse a hyproprisia da innocencia—a má—até á ingenuidade perfeita, começou de repente, batendo na meza uns murrositos doces, clamando: «Quero ir tirar os passaritos dos ninhos».

Elle objectou-lhe que era inverno, que não havia folhas nas arvores, nem passaros nos ninhos. Mas tinha perdido havia muito o habito de resistir, mesmo em pensamento, aos caprichos da maldosa creança; assim, envolta em pelissas, ella correu, seguida por elle, ao longo da alameda e quando chegaram ao bosque feito de ramos gelados tremente sob o gelo e o sol frio; ella procurava os ninhos nas moitas e nos ramos baixos, dando pequenos saltos e uns gritos infantis. Os ninhos encontrados não tinham um unico passaro, da primavera passada, nem uma penna conservavam. Procurando sempre, nem um tentilhão sempenugem, nem uma andorinha seminúa abrindo o bico amarellado. «Ah! Estamos em fevereiro, dizia ella». Depois chegando se a elle, cariciosa, com o ar timido d'uma creança que receia um castigo: «Sou louca não é verdade; não te rirás de mim?»

E elle respondeu com a melancholia que deixam as esperanças que morrem: «Tenho o direito de me rir de ti, Julieta, eu que sob a neve do teu coração vasio e gelado, como um ninho de inverno, espreito ha tanto, em vão, o despertar da ave mysteriosa do amor!»

Jak.



# Salicifré

**O brasileiro recém-chegado**  
 Vem dar a nota rica com a esposa. Dia mal do café, da casa branca e do assucar. Ao chá, descalça as botas por debaixo da mesa, para alívio dos callos e promete em sua casa, uma festa de brado, nos anos da sinhá.  
 Todos pasmam, olhando-lhe os brilhantes dos anéis.  
 Distribue charutos da Bahia e erros grammaticaes com a mesma facilidade. O rei da festa.

Todos pasmam, olhando-lhe os brilhantes dos anéis.  
 Distribue charutos da Bahia e erros grammaticaes com a mesma facilidade. O rei da festa.

**Os donos da casa.**  
 Abençoado o feliz casal. Realizaram o final de todos os antigos romances, amaram-se, casaram e tiveram filhos. E mais nada.

**D. Felizarda**  
 Vae para dizer mal dos convidados, do serviço e das toilettes! Tem com que dar á lingua 15 dias por casas particulares. É uma fiteira á mesa e uma lingua de prata pelos cantos. De esta os homens, por isso nunca quis casar.  
 Nunca quis | coitada.

**O maior reformado.**—Tipo indispensavel! Tem historias um tanto... alegres de que as senhoras gostam muito.  
 Cebitarrio. Tem dois amores no mundo, o voltarete e o cognac. É uma recordação saudosa... o duque de Saldanha.

**O sr. Francisco**—O merceiro da esquina, que vem com a senhora; os tres meninos e a creada de fora. Regedor da freguesia. É o forascedor do amplidão. Durante o chá exclama varias vezes: boa manieiga, boa manieiga, a proposito das torradas. De resto mundo, encostado ás hombreiras vigiando os namoros das filhas. Tres, logo tres!

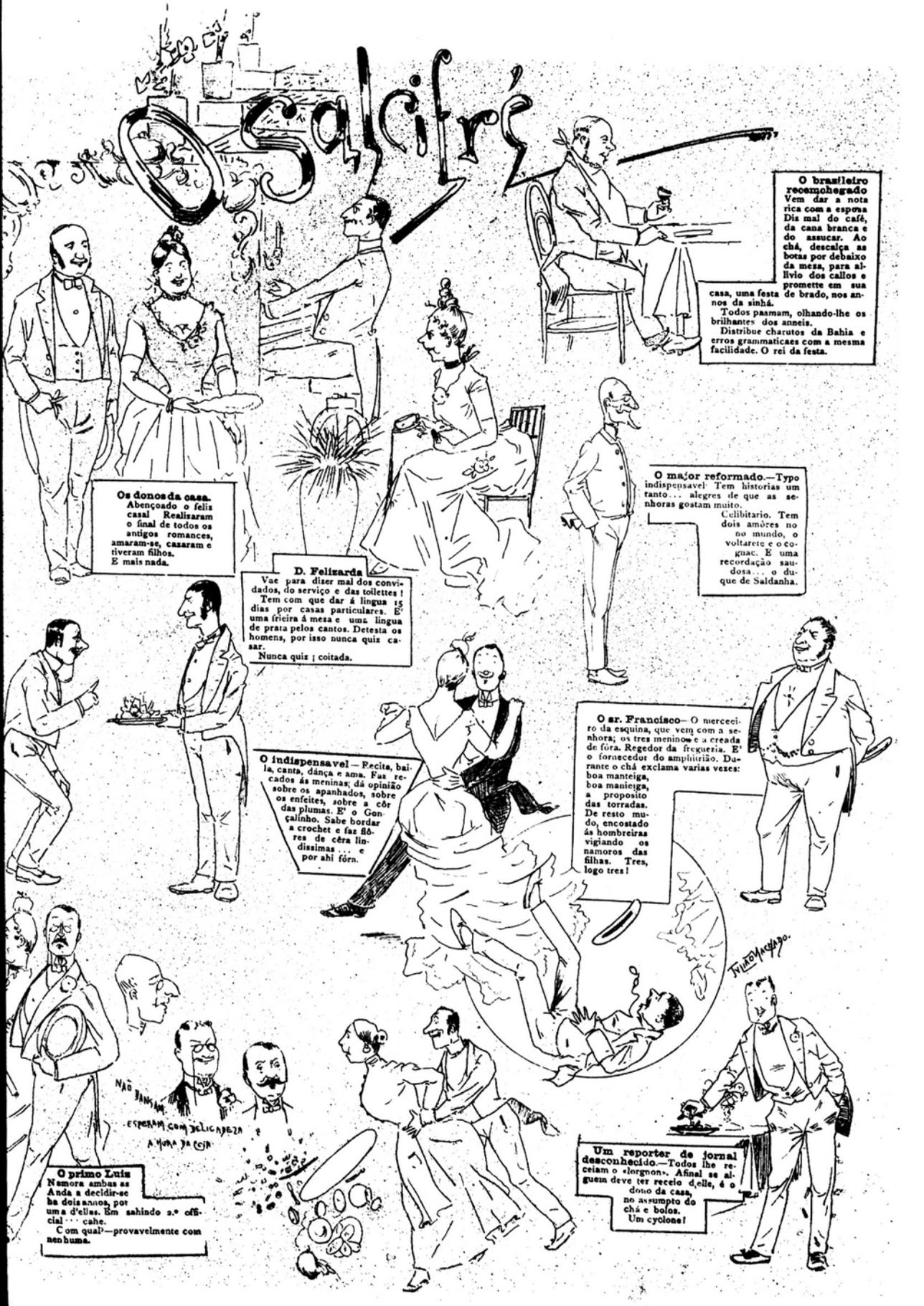
**O indispensavel**—Fecita, baila, canta, dança e ama. Faz recados ás meninas, dá opinião sobre os sspanhados, sobre os enfeites, sobre a cor das plumas. É o Gonçalinho. Sabe bordar a crochet e faz flores de cera lindissimas... e por ahí fóra.

**O primo Luis**  
 Nemora ambas as Ánda a decidir-se ha dois annos, por uma d'ellas. Em sabindo 2.º official... cahe.  
 Com qual—provavelmente com nenhuma.

**Um reporter de jornal desconhecido.**—Todos lhe rezeiam o «Iorgnon». Afinal se alguem deve ter receio d'elle, é o dono da casa, no assumpto do chá e bolos.  
 Um cyclone!

ESPERAM COM DELICADEZA A HORA DO CHÁ

Franco





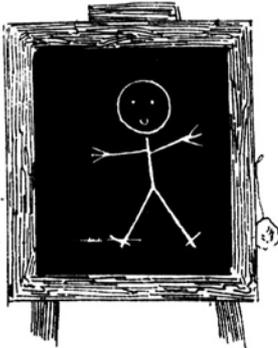
Director

Não ha tão perto,  
 Não ha em toda a nação,  
 Que eu saiba, pae tão feliz :  
 Luiz é um talentão.  
 E' um rapaz esperto ;  
 E a honra e gloria dos paes  
 E' a de ter fi hos taes !

Elle na phonologia  
 Conta com exame certo ;  
 E quanto á morphologia  
 Syntaxe e calligraphia  
 Ganha a todos no collegio !  
 No desenho, este tareco  
 Promette um artista egregio !

Oh Luiz, faça um boneco,  
 A ver o que o papá diz ;

Luiz, pegando no gi



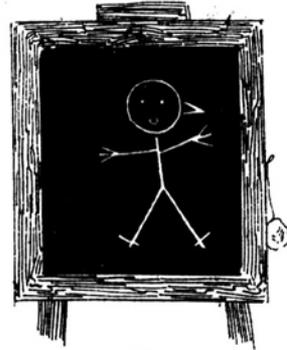
Director, dando alguns passos  
 buscando o ponto de vista :

O que elle faz em dois traços !  
 Que me diz, senhor Baptista ?!

O pae, estendendo os braços  
 E abraçando-se ao petiç:

Com cinco annos escassos !  
 Sim senhor, senhor Luiz !...  
 Ora, em verdade, não ha !...  
 Mas, filho, que é do nariz ?...  
 —Ah ! é verdade, papá !

João de Deus.



A opereta franceza.—Inda não fallámos no nosso jornal da Companhia de opera comica, que ha quinze dias se exhibe no theatro da Avenida.

Podemos affiançar que não ha da nossa parte despeito algum contra qualquer das estrellas, mais ou menos brilhantes, d'aquella constellação. Tanto mais que dizem os indiscretos, ellas, as estrellas, não são avaras de sua luz, nem fazem rogar-se piegamente do calor dos seus olhos, o que não é para desprezar nos frios tempos que vão correndo.

E depois a companhia dá uma nota alegre n'esta monotonia da nossa vida theatral, que parece ter chegado ao esgotamento completo, á penuria ultima.

Sobretudo a comedia de graça,—da opereta não fallemos que entre nós nunca chegou a aclimar-se—parece ter desaparecido n'uma alluvião de situações eguaes, de ditos repetidos, na exploração constante da mesma nota, deshonesta, enjoativa.

E' ver como nas proprias operetas, traduzidas, representadas na Trindade, os conscenciosos traductores alteraram o texto a seu geito, e deixaram no escuro, desprezaram, os verdadeiros ditos de graça, que a gente vae agora ouvir, com espanto, pela novidade, nas mesmas operas, que de tão diversas chegam a ser novas !

Devem confessar que teem graça.

Mas a companhia começa, emfim, a ter exito.

Van Daclen é uma cantora que faz prodigios com um fiosinho de voz, e que começa a ter a fama da côrte franca publica, o que para uma cantora é sempre uma recommendação tão util, com a pimenta nas ôstras.

O tenor e o barytono estão á altura da companhia, ouvem-se com agrado e as figuras restantes se não se recommendam por recursos artisticos da primeira ordem tem todavia, aquella des-voltura, aquelle desafogo de quem conhece o mundo, como os seus dedos, por o ter visto, entre os planos dos bastidores, pelos oculos do panno, ou no can-can da vida secreta, onde todo o artificio banal desaparece e morre. Na conta.

No proximo numero publicaremos o retrato de Van Daclen.



### AO SR. ADMINISTRADOR GERAL DOS CORREIOS

Não podemos por mais tempo, victimas dos abusos e descuidos continuados dos correios, deixar de dirigir ao sr. administrador, o nosso pedido vehemente de providencias energicas contra este estado anormal de coisas.

As nossas remessas são feitas com o maximo escrupulo e cuidado, e todavia não ha expedição alguma em que não haja faltas continuadas, em que não tenhamos a receber reclamações que por delicadas não deixam de representar censuras, que nós não merecemos, e a que portanto não queremos estar sujeitos, cumprindo integralmente o nosso dever.

E' natural que o serviço dos correios continue no mesmo estado anarchico e que a nossa reclamação tenha o mesmo poder que tantas que ahi vemos continuamente pelos jornaes.

Em todo o caso queremos protestar contra esta espoliação forçada, contra a franqueza com que nos roubam nos nossos interesses, porque toda a gente sabe o mau effeito e os prejuizos que resultam para uma empresa d'esta ordem, da falta de regularidade.

Pedimos pois, no côro geral de pedidos, ao sr. administrador dos correios o favor de pensar que as remessas são estampilhadas, que as estampilhas custam dinheiro, que os assignantes se desgostam e que emfim ha um dever que corresponde ao de estampilhar as remessas: é o de as fazer chegar ao seu destino.

Tudo o que não seja isto é um roubo, contra que protestamos mais uma vez e contra que, de futuro, nos insurgiremos por todos os meios possiveis.



### Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que enviámos os seus recibos para as estações do correio das suas localidades, e pedimos-lhes o favor da brevidade no respectivo pagamento, para a boa regularidade do nosso expediente administrativo.



### Aos nossos assignantes do Brazil

Tendo saído errado, nos prospectos e nos primeiros numeros d'esta publicação, o preço da assignatura para o Brazil, erro que nos causaria um grave prejuizo, se permanecesse, attendendo ao elevado custo do porte do correio, prevenimos os nossos assignantes d'aquelle imperio que o preço da sua assignatura fica sendo:

Anno ..... 15000 réis (MOEDA FORTE)  
Semestre 25000 réis (MOEDA FORTE)  
conforme já vaé indicado na capa do presente numero.





de mentia

CASA DE PAZ

GRATIA PACE

EM BUSCA DE SENSATEZ

OLHA PARA AQUI

M. J. P.



Van-Daelen.—E' bem certo que eu nunca encontrei este nome nas criticas theatraes do *Figaro*, nem do *Gil Blas*, nem do *Intransigente*. E' ainda verdade que nem Robida, nem Mars, nem Caran d'Ache, Grevin ou Villet, me forneceram o contorno gracioso do seu pequenino rosto, meio ironico e meio infantil, ora abrindo-se no ar abrejeirado d'uma garota parisiense, ora contrahindo-se com uma «gaucherie» adoravel, de pequenina burgueza, que pretende dar-se ares, no chá das cinco horas, de qualquer fidalga do burgo. Não a encontrei nunca cantando no sarau da marquezia de V., da princeza R., ou da rica americana Miss W.

Para cumulo do meu desapontamento, Paulus não me fallára n'ella, e o meu amigo X que conhece o bairro latino, os cafés, as cervejarias, os theatros de Paris, dos Italianos, ao Guignol, nunca me fallara de Van Daelen, tendo me fallado de quarenta e seis celebridades de opereta, cujos retratos possui, restos caracterisados de quarenta e seis paixões, alimentadas a tres francos por noite, fóra alguns sonetos arrancados á saudade, uns «bocks» arrancados á mezada, e umas lagrimas arrancadas á ceia!

Oh! les étoiles où vont'elles se nicher!

Em compensação, encontrei-a muita vez em Catulle Mendés, que m'a apparentou, no atelier d'um pintor famoso, ao lado e na sombra da Sapho; que m'a indicou na «brasserie» conversando com Stik um compositor de esperanças; ou vivendo no seu terceiro andar com Samuel, um guarda livros hollandez louro e miope que a espera á sahida do theatro para a reconduzir gloriosa e «frileuse» ao ninho commum.

Lembra-me de a ter visto em Bougival, quasi deitada sobre a relva, a imitar uma toutinegra que cantava n'um salgueiro, emquanto um rapaz moreno, de chapéu largo, estendia no chão os preparos d'um jantar; recorda-me ainda o tel-a visto atravessar os «boulevards», ou saltar para um omnibus com uma pasta debaixo do braço, na volta do conservatorio, ou subir ligeira uma escada qualquer, depois de interrogar rapidamente a porteira: O sr. A. está em casa?

Conheço-a muito bem.



Transplantada dos dias humidos e escuros de Paris para o meio luminoso dos nossos dias de inverno, frescos, cheios de sol, ao cahir no campo inculto da opereta, que entre nós toma a configuração fantástica de uma bebedeira cantada, Van-Daelen, entra na esphera das estrellas cadentes, dos corpos opacos, a quem o roçar pela atmospheria torna luminosos.

Não nos parece que deva deixar uma grande cauda brilhante, depois de ter partido para o Havre, n'um vapor das Messageries, mas é certo que no theatro da Avenida, a sua pequenina voz fina e vibrante, nos enche o ouvido d'umas gargalhadas de gnomos a quem o Champanhe tivesse perturbado os cerebros, n'um banquete de Liliput.

E como nisto de cantoras de opereta se requer que a plastica acompanhe ou exceda o canto, Van-Daelen pertence a esses typos de mulher, «mignons», graciosamente modelados, de «fausses maigres» de olhar vivo e humido, a bocca graciosa... d'estas boccas a quem é costume ouvir no fim dos espectaculos, os graciosos versos do poeta:

«J'ai faim, ó mon amant! C'est une chose étrange  
Mais quand j'ai faim, d'honneur,  
Je donnerais, je crois, pour un quartier d'orange,  
Les deux parts de mon coeur!»

Diga o leitor, em consciencia, se não devíamos á gentil cantora, esta pequena homenagem: colloquem-na na Trindade, cujas aves chocas tem tido as honras de todos os pretios e digam-me se ella não alcançará, n'aquella Babel, a grandeza d'uma das nossas estrellas.



## CAMILLO

Quarenta annos de genio esparso em obras d'arte, qual mais profunda e coriscante—elle romancista, vivisector de historia, pamphletario—vindo á luz publica n'uma epocha de transição e letras chóchas, e todavia salvando-se do esquecimento ou da irrisão, por qualidades uberrimas de sarcasmo, d'observação flagrante e de verdade, que hão-de ficar nos fastos litterarios, esculpindo sobre os hombros d'este homem a mais poderosa e original figura da litteratura portugueza d'este seculo.

Elle teria podido aceitar, como alguns fizeram, d'amigos seus no pinaculo, qualquer cargo publico aonde nunca fosse, e que para sempre lhe pozesse a teta do erario publico, prenhe e doirada, aos sequiosos beijos de vampiro.

Camillo porém, preferiu continuar amarrado á sua banca de trabalho, n'uma quintarola tristonha do Alto Minho, a cujos muros vão topar, em vez de rumores d'applauso e incensos d'ovação, somente o vituperio dos miseraveis e dos nullos, que de rastos pela sombra iam morder-lhe, a mendigar celebridade n'alguuma das suas replicas fu garantes, para assim illudirem o publico com simulacros de vóos, propulsionados por algum pontapé que o gigante lhes desse, em redondezas menos litterarias.

Esta isempção do artista escravo da sua obra, a despeito de tudo—das canceiras mortíferas do trabalho, dia a dia—dos thedidos lugubres da solidão soffrida, annos e annos, entre a pobreza e um filho louco—dos mundanos habitos, contrahidos em salões e saraus, pela cidade: esta isempção que lança um homem de genio na miseria, ao fim de quarenta annos de labutos e assombrosas paginas de riso e lagrimas, fustigações e melancholias: esta isempção é d'uma heroicidade tão alta, e d'uma probidade artistica tão unica, que por si só bastaria ella a sublimar o caracter do mestre, se tantos outros actos da sua vida, não estivessem ahi para açaimar as calumnias dos loucos que a ironia d'elle lacerou com tagantadas asperrimas, e que muitas vezes se vingaram, prevendendo a sinceridade das suas intenções.

A sua grande vida é um martyrio quasi toda—polemicas, duellos, alternativas de fortuna e de penuria, os filhos que lhe morrem, desastres de familia, as desillusões, o carcere, a enfermidade; e nos entreactos d'esta voragem d'angustias, o refugio da penna plasticisando em proza os solavancos da sua alma atormentada, que pede á imaginação cauterio pr'as feridas, e transtigura em grupos de Laconte, nos seus livros, todas as evocações da allucinatoria febre em que tresvaia.

Eu não me canço, eu não me canço d'esthesiar a minha alma por este entusiasmo religioso da sua obra, precipitada e tumultuosamente escripta quasi toda, em cujas lacunas adivinho as fulgurações d'um espirito excepcional—d'esses que, desabrochados n'um meio complexo, methodiando o trabalho, e votando a existencia por inteiro á realisação d'uma idéa fixa, produzem em Paris a *Comedia Humana*, e em Londres a obra de Dickens, e George Elliot, e que eternamente triumphantes na memoria dos homens, zombam das escolasinhas litterarias, rentam da inveja, e sobrepujando o tempo, novos sempre, todos os dias—desvendam alguma aresta, inedito portico, rozacea ou estatuetta no pujante edificio que deixaram



**Jury.**—Reuniu o jury de secção das Bellas Artes da Exposição industrial sendo votadas recompensas, em medalhas e diplomas a diferentes artistas.

Ha duas partes curiosas n'este jury; a primeira é que alguns dos recompensados faziam parte d'elle, a segunda é que nem Carlos Reis, nem Columbano Boddallo Pinheiro, tiveram sequer uma menção honrosa.

E' triste e é ridiculo.





## Can-cans

**Os Bernardins.**—Um chronista do *Reporter*, chefe de repartição, calvo e conspicuo homem, que a florescer teria florescido ahi pelos começos do seculo XVI, deú artigo a respeito d'um seu contemporaneo, um tal Bernardim Ribeiro, trovador e galante ao que se diz. O trabalhinho do prozador—arreganhado cerbera da tradição purista—contém bocados, em que a sensaboria vernacula corre parelhas com o estrombotico da construcção grammatical:

Vae amostrinha:

«E' o cantor das saudades, o mais portugez dos sentimentos, — o sentimento que domina entre nós, com dominio absoluto, a a poesia e a musica, que é, que era, pelo menos, quasi exclusivamente, a musica e a poesia, nos tempos em que a poes a, e a musica se desvaneciam entre nós de serem portugezas.»

E continua:

«Ha naturalmente mais d'um Bernardim Ribeiro. N'este momento lembro tres. Ha mais!»

O leitor saboreia. Vê no antiquario o surprazo ar de quem achou castanha em ouriço esquadrinhado.

«—Sei ainda d'um quarto Bernardim.»

Ui, que elle sabe! Antes nos descobrisse um quarto... premiado.

«O Bernardim real, ou os successivos Bernardins reaes, devia dar-nol-os a Historia, a «mestra da vida», como lhe chamou pomposa, rhetoricamente Cicero, falta por tórma indigna ao seu dever.»

Este Bernardim real dá-nos idéa d'um passaroco de plumagem verde e cinza, lingua carnosa, o bico adunco, como esses papagaios patifes que se dependuram do poleiro, ao passar do chronista—eu caio! eu caio!—e sobre o tricorne ceboso lhe vão esguichando o quer que seja, em preito ao pasmo que o talento inspira.



«Dos Bernardins a que alludi restam-nos pois só dois: o Bernardim do poeta, isto é, o das suas obras em prosa e em rima, e o Bernardim do povo, isto é, o da tradição.»

O Bernardim do poeta sem ser positivamente dois, apresenta sob duas fórmas diversas.»

Vae por li fóra, salganhando os Bernardins com semcermonia e auctoridade, e os pocirosos donaires de tres seculos de traça em alfarrabios sensabores. Já por fim se adevinha, que levada a divisão dos Bernardins a um tal extremo, não sejam individuos completos os Bernardins do quociente, senão visceras destacadas, appendices, órgãos, mutilações do mesmo Bernardim.

Este homem, por modo:, corta nas pessoas sem tocar o pifano d'alarme, como o hespanhol das ruas de Lisboa. Nunca pensamos que a antiguidade fosse assim lesta em cirurgia.—Ora tire-se para lá com o canivete. Vá fazer eunuchos para casa da sua avó!



• **Para a historia dos nossos filhos**—Na administração do segundo bairro foi a baptisar civilmente uma creança, sexo masculino, cujo papá, interrogado pelas auctoridades a respeito do nome que desejava se desse á creaturinha, respondeu com sobreceño: —Ponham ao gajo o nome d'*Estafermo!*

Rêcusa do administrador a admitir semelhante designação para o neophito: ns testemunhas esbracejam: grita a parteira de seu lado... que desenbrulhando o pequeno, recebe em plent trajado de gala um repuxo viscoso e esverdeado...

Pobre creança! Magra, enfesada, e com a ophtalmia symptomatica d'uma doença de miseria, ella quiz justificar talvez o nome que o seu papá queria dar-lhe, esguichando para o mundo aquillo mesmo de que parecia haver sido fabricada.

Baptisar um filho d'*Estafermo*. . Ligue-se o facto ao processo das partiras, e ahi estão dois symptomas bem tristes de como Lisboa comprehende a paternidade.

Que estes baptismos civis estão produzindo monstros espantosos. Ha uma pequena que recebeu ha annos o nome de *Blasphemia*: e uma outra, não sabemos se em Alemquer, que civilmente tambem, consta que dá pelo nome d'*Escachada*.

Na minha aldeia foi uma creança a baptisar-se. Pergunta o padre ao senhor padrinho, ao acercarem-se do baptisterio os convidados, que nome havia de dar-se ao pequerrucho.

—Prante-lhe Mathias Raposo até ver, disse o labrego.

Se ao menos, aquelles nomes tambem fossem, até ver...

A COMEDIA PORTUGUEZA

# CAMILLO CASTELLO BRANCO





Os juizes de Molière.—A Relação de Lisboa revela-se nos agora sob um ponto de vista pittoresco.

Era preciso.

Investida do mister de confirmar ou negar sanção aos problemas juridicos filtrados da primeira instancia, ella desce agora por desfascio as suas vistas olympicas, para episodios somenos, a desdentar o espirito das enfadonhas tarefas do accordão, pelas blandicias do reclame a uns colchões de molas que se apregoam no Chiado.

Se o leitor duvidar, procure no *Diario de Noticias* de quarta feira ultima, o artiguinho que segue:

*«Um meretissimo juiz da Relação de Lisboa attestando o que são os colchões americanos*

ATTESTADO XVIII

Com o maximo prazer declaro que estou muito satisfeito com a compra do *colchão americano d'arame*, e oxalá que ha mais tempo o tivesse comprado, porque offerece todas as commodidades a quem desejar ter uma boa cama para dormir ou descançar.»

Vem depois a assignatura e a morada do acquisitor do movel, o qual, se como se diz é um monumento ogival em magistratura, nem por isso deixará de ficar na historia, d'aqui po deante, como o Gustavo Planche ou o Paulo Bourget da colchoaria.

Meritissimo no templo da justiça: não menos meritoso no templo da socega. O attestado XVIII o está provando!

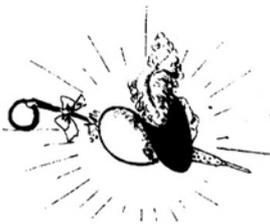
Aqui nos confrange acerba duvida.

Se o illustre funcionario escreveria este attestado na sua cadeira curul, de beca e barrete magistraticio, ou se o haveria redigido simplesmente, em camisa de dormir e barrete d'algodão?!

Que a prosa d'um tal documento descahe um pouco do estylo emphatico em que por via de regra são formuladas as sentenças.

E' uma prosa fradesca, regalona, e até brejeira.

Ha phrases typicas... *uma boa cama para dormir e descançar...* Ou como est'outra:... *estou muito satisfeito com a compra que fiz do seu colchão...*



Pois meus senhores!

Está-se a Relação de Lisboa desdobrando em multiplices aspectos: e á reputação de arcopago que já tivera, ella accrescenta hoje um perfume d'arte e uma sollicitude d'industria excepcionaes.

Ainda o anno passado, um dos seus magistrados mais graves, o juiz Miguel Ozorio, faz um drama patriotico, e representa-o, com quatro contos de vestuarios em seda e oiro, que um governo pagou, recebendo do publico, governo e Ozorio, não equivocadas demonstrações d'apreço, soidas no soalho a barafundas de tãõ e bengalorio.

Vem agora outro juiz que fomenta as industrias com um reclame d'arromba aos colchões americanos.

Tenho uma graxa no prelo. a sabir breve. Obra accada! Ha por ahí um juiz da Relação que me queira passar o attestado?

Dou seis vintens. E mais prmetto não besuntar com ella as veneraveis carecas da Justiça.

*Irkan.*



O abbade Constantino.—Depois da «pochade» em quatro actos «As surpresas do Divorcio» a companhia de D. Maria parece querer purificar o palco da invasão da baixa comedia, tão desastrosamente implantada, em relação ao bom gosto, já que economicamente se não pode dizer outro tanto.

E' assim que o «Abbate Constantino» não impressionando fortemente pelo dramatico das situações, deixa na alma um vago perfume das coisas boas e castas, um prazer moderado e fortificador, superior a todos os livros de moral. Um quadro simples singelo, natural, que passa ante nós, n'uma doce visão idillica, cheio de perfumes como as balseiras na primavera, com uma graça real, delicada e captivante.

Pode dizer-se d'ella paraphraseando o velho Telmo de Garrett:— comedia para damas e para cavalheiros.

Eu não quero moralizar o mundo, Deus me livre, mas quero que a graça do arreeiro se concentre na tavalogem da estrada e não invada o salão entre os applausos, de quem, por corrupto gosto, lhe pode consagrar affectos denunciadores de poucas levantadas faculdades.

Cada coisa em seu logar.

Por felicidade parece e affiançam-me que as recitas do «Abbate Constantino» tem sido extremamente concorridas e eu folgo que assim seja, para mais me convencer e me dar razão em ter affiançado que o publico não deixa passar desapercibidas as obras boas e só concorre aos espectaculos em que a graça chula predomina e o apparatus de magica lhe delicia a vista! E' um erro vulgar este, indesculpavel, hoje.

Questionar com os interesses da empreza pode ser razão, mas razão que só reclama a reforma do theatro de D. Maria II, sob novas bases, debaixo da auctoridade do governo, transformando-o em escola, garantindo lhe a absoluta independencia contra os caprichos do gosto popular.

Havemos de tratar, um dia, largamente este assumpto, em occasião propria, por nos parecer que a elevação do theatro nacional é da maior utilidade para instrução e para a educação popular.

De resto a *Comedia Portugueza* não recusa o seu elogio á empreza pela escolha do «Abbate Constantino», ao contrario, felicita-a e aconselha-a aos seus leitores, prevenindo os de que podem levar, sem receio, a familia.



Da Trindade nem é licito fallar. Continúa a vida miseravel de zabumbada, guinchos e piruetas, theatro de feira com pretensões serias, salgadura insonsa e indigesta, sem laivos de arte, «mayonaise» condimentada á hespanhola, com o molho em decomposição, mal cheiroso.

Começou a exploração do salão com os bailes de mascaras. Não pôde imaginar-se nada mais fino e mais distinctamente repugnante. Uma população miseravel, cobrindo os andrajos com dominós feitos de lençoes; um burborinho de phrases chulas, gritos avinhados, disputas reles e truescamente immundas.

O vicio esfaimado á procura d'um bocado de pão, de braço com a malandrice complacente. Uma succursal de bordel barato, com d'anças e arremedos, onde a vigilancia medica não entra, nem a vassoura municipal pode exercer o seu officio!

Uma immundicie tolerada e paga.

E mandam-se fechar os cafés cantantes, por immoraes, e prohibe-se ás «camareras» o beberem um copo de cognac, á mesa d'um café! Oh! a moralidade, que idéa fará d'esta matrona um governador civil, um governo portuguez!

Um fiancée que passava, um dia, n'uma estação hespanhola, onde havia montes de trapos para exportar, exclamou: uma nação que não trabalha vive da sua miseria! D'isto vive o theatro esverdeado da Trindade, que não sei se o cognominaram assim, porque a gente benze se ao ver como aquillo vive... No me do Padre do Filho do Espirito Santo.

Amen.

O theatro de S. Carlos depois de uma serie de noites em que não raras vezes o tacão entrou em acompanhamentos, depois de Tetrzini, renova as suas noites de enthusiasmo, com o apparecimento d'um antigo e saudoso conhecimento Giuzepina Pasqua e satisfaz finalmente a insaciedade dos diletanti com a exhibição de Van Zandt.

Nada nos importa a critica de obras estrangeiras, executadas por estranhos. E' muito bom, é muito agradável ouvir-as, mas só nos podem servir como ponto de vista no estudo da nossa sociedade elegante. Nada influe nos nossos costumes, de nada nos tem servido até hoje, a não ser para nos levar umas dezenas de contos, a «nossa» scena lyrica. O nivel da assimilação musical é entre nós uma verdadeira lastima. O thesouro dá dezenas de contos a S. Carlos para que? Os pobres não vão lá, não podem lá ir. Para os ricos? é ridicula a esmola. Seria talvez mais honesto crear umas cadeiras no conservatorio real (que palheiro de nome) onde se apprendesse a musica e canto; e favorecer assim o apparecimento futuro de uma escola musical portugueza.

Alugar o theatro ou emprestal o a qualquer particular que o quizesse explorar, até poder um dia encher o de artistas nossos, que cantassem as operas dos nossos mestres, na nossa lingua, e justificar, dignamente, qualquer protecção que lhe quizessem então dar por favoravel á arte nacional.

Ou não?

**Medico suicida.**—Diz-se, e parece averiguado, a julgar por factos que precederam a morte do dr. Sobral, o dedicado medico de Manteigas, que elle se suicidou, absorvendo grandes quantidades de um medicamento toxico.

E aqui está um homem que levando a vida a contrariar, a lutar contra o poder da morte acaba por fim de passar-lhe o diploma de benemerito, acobertando-se-lhe, para sempre, sobre a aza negra, das miserias da vida.

E' o caso da maxima doçura evangelica: querer para si o que não queria para os mais.

Agora os typhos podem cabriolar em Manteigas e o sr. Carvalho professor de philosophia gabar-se de que mais um discipulo seu e de Catão, entrou por motu proprio na barca de Charonte.

Exulte a philosophia e o verme! Se não fosse minha esta phrase era por força de Shakspeare!



**A Atalaya catholica.**—Vizeu sentiu ha tempos uma comichão suspeita n'um sitio pouco limpo e passados dias appareceu-lhe um forunculo, que supurou a *Atalaya catholica*, orgão official do paço episcopal de Fontello, onde arrota D. José, bispo da diocese e martyr da dispepsia.

O 1.º numero da *Atalaya*, que temos á vista, vem pimpante de estylo e de embofia, grotescamente mitrado com uma *carta-reclame* do redundante prelado de Fontello, na qual carta pastoral este rechonchudo apostolo recommenda a leitura do jornal a todos os parochos do bispado, ou ao menos o pagamento pontual da competente assignatura, que monta á insignificante quantia de 1.000 réis annuaes, o que dá 42 réis para o preço de cada numero de um jornal microscopico, que não gasta 4 réis com a despeza da impressão e com a paga condigna da collaboração.

Como empreza industrial não conhecemos nada mais seguro e rendoso do que a *Atalaya Catholica*, que tendo 700 assignaturas firmes e garantidas dos 700 parochos das 700 freguezias da diocese, consome em trabalho e materia prima a modesta quantia de 10 libras annuaes. Fica de saldo positivo a verba de 655.000 réis.

Para martyrio apostolico achamos regular. Menos dá uma fraga.



**Exposição de quadros.**—Abriu hontem nas sc'las do *Comercio de Portugal*, a exposição annual de quadros, do grupo do Leão.

A falta de tempo não nos permite alongar a noticia, que desejariamos completar, attendendo aos relevantes serviços prestados á pintura portugueza, pelo brilhante grupo d'artistas que valentemente tem arrostado todas as difficuldades e malquerenças.

Em breve o faremos.

**Uma revelação.**—N'um bello concerto que ha poucos dias se realisou em casa do sr. Luiz Sáez, encarregado dos negocios da republica n'esta côrte, tornou-se notavel, pelo seu excellent methodo de canto e pelo bem timbrado da voz, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza Pery Furtado, facto que nos apraz registrar.

Todos os assistentes applaudiram calorosamente a distincta contralto, a quem nós enviamos tambem d'aqui, e mais uma vez, o nosso *bravo!* enthusiastico e sincero.



**Edificante!**—Na ultima sessão da Sociedade de Geographia convocada para tratar de assumptos africanos, o professor e archeologo Borges de Figueiredo, antes da ordem da noite, fez sentir á assemblea o facto de estar correndo mundo um recente trabalho geographico, d'um membro d'aquella sociedade, o sr. Oscar May, sobre o qual era preciso que aquelle areopago scientifico emittisse a sua opinião, para que lá fóra se avaliasse com fundamento o estado actual do progresso ou do atrazo scientifico do nosso paiz.

O mesmo sr. Borges de Figueiredo declarou que pela sua parte não podia deixar de protestar contra o *Novo Atlas de Geographia Universal*, que se propunha a supplantar o *Delamarche* quando afinal de contas elle era muito mais incorrecto e continha mais abundancia de erros na parte relativa á peninsula iberica, o que n'um portuguez era absolutamente indesculpavel. Enumerou uma alluvião de disparates, que sobreshiam nas cartas de geographia historica, e sollicitou a opinião do africanista Luciano Cordeiro, ácerca das cartas de geographia moderna e colonial portugueza.

A assemblea ouviu, tristemente impressionada, este protesto legítimo, que representava uma exautoração completa para um dos seus membros, protesto que não houvera meio de fazer calar.

O *Correio da Noite*, noticiando o occorrido, convidava os professores de geographia a apresentarem a sua opinião sobre o tal *Atlas*, que auctor e editor se comprometteram publicamente a emendar.

A este convite respondeu apenas o sr. Carlos de Mello, do Instituto Industrial, que declarou não conter o *Novo Atlas* só duas cartas erradas, como o auctor affirmara na imprensa, mas sim umas cincoenta pelo menos!!! Affirmou mais, que ha cem ou duzentos annos se publicavam trabalhos geographicos, onde tem sido corrigido muitissimos erros, que o *Novo Atlas* reproduziu agora com uma inconsciencia verdadeiramente seraphica!

Entretanto, no prefacio d'aquella obra, o director da *Revista da Educação e Ensino*, o sr. Deosdado, apregôa em tom de clarim as excellencias de tal publicação e com uma arrogancia de pontifice desanca todos os professores portuguezes de geographia!

E sempre é conveniente notar que tanto o auctor como o prefaciador se vangloriam de ter collaborado nos programmas de geographia e historia, que vigoram no nosso ensino official, e attribuem a si a gloria dos progressos que estas sciencias teem realiado entre nós.

Pobres disciplinas, pobres alumnos, e probissimo paiz onde preponderam taes fatuidades!

Entretanto, o celebre *Atlas* foi distribuindo ás escolas regimentaes... para instrucção da tropa, e por um pouco que não o obriga a todo o ensino official. Tinha graça.

Agora o lado comico da questão.

Declarou o mesmo professor Carlos de Mello que varios cavalheiros, influentes na Sociedade de Geographia, lhe tinham pedido instantemente... que não levantasse ali a questão do *Atlas*!

Este amor ao fossilismo, este horror pela critica consciente e justa, sempre benefica e salutar, seria caso para uma troça formidavel, senão representasse o mais triste e o mais degradante symptoma da nossa decadencia intellectual e do nosso atrazo scientifico.



**Brindes originaes.**—O sr. Albino José Baptista, que é um verdadeiro original em todas as suas cousas, desde a phantastica barateza por que vende os chapéus de chuva e as bengalas no seu estabelecimento na rua Nova do Almada, 92, até á insistencia com que em todos os jornaes da capital insinua a necessidade de procurarem aquelle seu referido estabelecimento, acaba agora de exhibir uma nova originalidade.

Consiste ella n'uns almanacks-brindes, representando uns bonitos pratos, para adorno de parede, que são um verdadeiro *bjfou* artistico, producção da acreditada fabrica do sr. Lopes, em Alcantara. Agradecemos a sua delicada offerta.



### Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que enviámos os seus recibos para as estações do correlo das suas localidades. e pedimos-lhes o favor da brevidade no respectivo pagamento, para a boa regularidade do nosso expediente administrativo.



### Aos nossos assignantes do Brazil

Tendo saído errado, nos prospectos e nos primeiros numeros d'esta publicação, o preço da assignatura para o Brazil, erro que nos causaria um grave prejuizo, se permanecesse, attendendo ao elevado custo do porte do correlo, prevenimos os nossos assignantes d'aquelle imperio que o preço da sua assignatura fica sendo:  
**Anno ..... 4\$000 réis (MOEDA FORTE)**  
**Semestre 2\$000 réis (MOEDA FORTE)**  
 conforme já vae indicado na capa do presente numero.





REDACTOR-GERENTE — **Silva Lisboa**

DIRECTOR-LITTERARIO  
**Marcellino Mesquita**  
 REDACTOR-EFFECTIVO  
**Fialho d'Almeida**

### Condições da assignatura

LISBOA — Anno, 27500; Semestre, 17300; Trimestre, 650. — PROVINCIAS E ILHAS — Anno, 27600; Semestre, 17400; Trimestre, 700. — HESPAÑHA E AFRICA occidental e oriental — Anno, 37000; Semestre, 17500. TODOS OS PAIZES DA UNIAO POSTAL — Anno, fr. 17, ou lb. 0.137, ou mk. 13,60; Semestre, fr. 8,50, ou lb. 0.6.10, ou mk. 6,80 — BRAZIL (moeda forte). Anno, 47000; Semestre, 27000.  
 Numero avulso 60 réis. — Anuncios; por linha 20 réis. Anuncios illustrados: preço convencional.  
 A assignatura é contada do 1.º de cada mez em diante, e paga adiantada. A cobrança das importancias das assignaturas nas provincias e fóra do palz, effectuar-se-ha por meio de saques postaes, não preferindo o assignante fazer remessa em vales do correio.

Escriptorio da Administracão — Rua Ivens, 41, 1.º

158, RUA DO OURO, 158

96, TRAVESSA DA VICTORIA, 96

# A casa mais importante de Portugal

Em gravuras e fabrica de carimbos de borracha, é a de

A. L. Freire, gravador de Suas Magestades e Altezas, principaes repartições do estado, correios, caminhos de ferro, alfandegas, camaras, bancos, companhias, commercio etc.

Esta casa tem tido ultimamente, como sempre, importantes encomendas de sellos e carimbos para as principaes juntas de parochia, a ponto de ter duas importantes casas, como a dos ex.<sup>mos</sup> srs. Herman e Ribeiro & C.<sup>a</sup>, fabricando prensas para as ditas, e ainda ter que mandar vir do estrangeiro, pelas importantes encomendas que tem tido.

Esta casa tem sido a preferida em todas as arrematações em que se tem apresentado, taes como correios, guarda fiscal (aonde se apresentaram todos os gravadores de Lisboa), ministerio da marinha, Sousa Lara & C.<sup>a</sup>, alfandega, etc., isto em vista de dispor dos melhores artistas portuguezes, e ainda um francez contractado por 4 annos, já bem conhecido pelos seus trabalhos, e com respeito a preços, rapidez e perfeição, casa nenhuma portugueza ou estrangeira pode competir com esta, como se tem visto publicamente.

A. L. FREIRE

GRAVADOR

96 — Travessa da Victoria — 96

158, RUA DO OURO, 158

Bandeira na esquina

# O PARAIZO DAS CRIANÇAS

Estabelecimento de quinilherias e retrozeria

## Especialidade em Brinquedos

Para brindes e ornamento da

### ARVORE DO NATAL

### A. J. Cardoso Junior & C.<sup>a</sup>

47 E 49 — RUA DA BITESGA — 47 E 49

LISBOA



BIBLIOTHECA

DE

## SCIENCIA PRATICA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

DE

Processos e receitas modernas para diversas preparações, conselhos sobre hygiene, medicina e agricultura. Respostas a quaequer perguntas feitas pelos srs. assignantes relativas a processos e receitas.

## O SARGENTO

EPISODIO DA REVOLUÇÃO DO PORTO  
ROMANCE HISTORICO E ORIGINAL

POR

Manoel Augusto de Souza

Começa a publicar-se em janeiro e assigna-se no escriptorio calçada Nova de S. Francisco, 14.

Preço 40 réis



# TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO DE PORTUGAL

41, RUA IVEENS, 41

Impressões rapidas e economicas—especialidade em impressos para o commercio—bilhetes de visita—relatorios, romances, jornaes.—Impressões de luxo, a ouro, prata e côres, em veludo setim e sêda.

41, RUA IVEENS, 41

LISBOA

GRANDE

# LOTERIA DO NATAL

EXTRACÇÃO EM 22 DE DEZEMBRO

PREMIO MAIOR

450:000\$000

JOÃO CANDIDO DA SILVA

229, RUA DO OURO, 231

Numero telefonico, 171

Convida o publico a visitar o seu estabelecimento, no qual encontrará grande sortimento de

**Bilhetes; Meios bilhetes e decimos**

Todos os bilhetes e decimos vendidos n'este estabelecimento levam um carimbo especial. Collecções de cem numeros seguidos de 480\$000, 210\$000, 120\$000, 60\$000, 48\$000, 21\$000, 12\$000 e 6\$000 réis. Collecções de 50 numeros seguidos de 210\$000, 120\$000, 60\$000, 48\$000, 21\$000, 12\$000, e 6\$000 réis. Dezenas de 60\$000, 48\$000, 30\$000, 21\$000, 12\$000, 6\$000, 4\$800, 3\$400, 2\$400, 1\$200 e 600 réis.

**Todas com premios garantidos**

Fracções ou cautellas de 4\$800, 3\$400, 2\$400, 1\$200, 600, 480, 120, e 60 réis.

JOÃO CANDIDO DA SILVA

Offerece brindes a todos os freguezes que comparem no seu estabelecimento

Em cada cautella, dezena, meia centena ou centena tem um numero de ordem, começando no preço de 600 réis até 480\$000 réis.

O sorteo do numero feliz é feito no dia 23, em logar publico com a assistencia da autoridade. Serão immediatamente entregues os brindes em ouro:

**PENITENCE**

Cautella ou dezena de 600 réis, 100 libras; ditas de 1\$200 réis, 200 libras; ditas de 2\$400 réis, 300 libras; ditas de 3\$400 réis, 350 libras; ditas ou dezena de 4\$800 réis, 400 libras; dezena, meia centena ou centena de 6\$000 réis, 450 libras; ditas de 12\$000, 500 libras; ditas de 21\$000 réis, 550 libras; ditas de 30\$000 réis, 600 libras; meia centena ou centena de 60\$000 réis, 630 libras; ditas de 120\$000 réis, 700 libras; ditas de 240\$000 réis, 800 libras; ditas de 480\$000 réis, 1:000 libras.

JOÃO CANDIDO DA SILVA  
229, Rua do Ouro, 231

# GRANDE LOTERIA DO NATAL

Em 22 de dezembro de 1888

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56, RUA DO ARSENAL, 64—LISBOA

**C**ONVIDA o publico a jogar no seu estabelecimento para esta unica e excepcional loteria, cujo avaliado numero de premios é a sua unica e melhor recommendação.

**7:657 PREMIOS!!!**

Em moeda portugueza—Tres mil duzentos e oitenta e cinco contos de réis!!! Os premios maiores e para os quaes o annunciante chama a attenção do mundo portuguez, do mundo jogador e do mundo esperancoso, são os seguintes:

**1.º de 450:000\$000 réis**

2.º.....	360:000\$000 réis	4.º.....	135:000\$000 réis
3.º.....	180:000\$000 réis	5.º.....	90:000\$000 réis

**MAIS**

2 de.....	45:000\$000	2598 de.....	435\$000
3 de.....	22:500\$000	4999 de.....	87\$000
4 de.....	14:400\$000	2 de.....	7:200\$000
6 de.....	9:000\$000	2 de.....	5:400\$000
10 de.....	7:200\$000	2 de.....	3:600\$000
20 de.....	3:600\$000	2 de.....	1:800\$000
2 de.....			945\$000

**Bilhetes; Meios bilhetes e decimos**

Collecções de cem numeros seguidos do preço de: 480\$000 rs.—240\$000 rs.—120\$000 rs.—60\$000 rs.—48\$000 rs.—24\$000 rs.—12\$000 rs.—6\$000 rs.—Todas com premios garantidos. Collecções de cinquenta numeros seguidos do preço de: 240\$000 rs.—120\$000 rs.—60\$000 rs.—48\$000 rs.—24\$000 rs.—12\$000 rs.—6\$000 rs.—Todas com premios garantidos. Dezenas, (dez numeros seguidos) do preço de: 60\$000 rs.—48\$000 rs.—30\$000 rs.—24\$000 rs.—12\$000 rs.—6\$000 rs.—4\$800 rs.—3\$000 rs.—2\$400 rs.—1\$200 rs.—600 rs.—Todas com premios garantidos. Fracções ou cautellas de: 4\$800 rs.—3\$500 rs.—2\$400 rs.—1\$200 rs.—600 rs.—480 rs.—340 rs.—120 rs.—60 rs.

E' variadissimo e extraordinario o sortimento da firma Fonseca e dos seus collegas Silva, Campeão e Gotovina estes venham acompanhados das suas respectivas importancias em letras, ordens, vales, notas, estampilhas, sellos, ou ras de vales não demorem a renuncia d'estes. Antonio Ignacio da Fonseca pede a todos os seus freguezes da provincia que não reservem os seus pedidos para a ultima hora, evitando por esta forma o facto que se tem dado nos annos anteriores de ficarem numerosos pedidos por satisfazer, por se ter esgotado todo o jogo d'esta grande loteria.

**Novidade!!!**

Offerta de Antonio Ignacio da Fonseca!!

**Brinde a todos os seus freguezes**

Cada cautella, dezena, meia centena ou centena tem um numero d'ordem, começando no preço de 600 réis até 480\$000. O sorteo do numero feliz é feito no dia 23, em logar publico, com a assistencia da autoridade. Serão immediatamente entregues os brindes em OURO.

**PENITENCE**

Cautella ou dezena de 600 réis, 100 libras. Cautella ou dezena de 1\$200, 200 libras. Cautella ou dezena de 2\$400, 300 libras. Cautella, dezena ou meia centena de 3\$400, 350 libras. Cautella ou dezena de 4\$800, 400 libras. Dezena, meia centena ou centena de 6\$000, 450 libras. Dezena, meia centena ou centena de 12\$000, 500 libras. Dezena, meia centena ou centena de 21\$000, 550 libras. Dezena, meia centena ou centena de 30\$000, 600 libras. Meia centena ou centena de 60\$000, 630 libras. Meia centena ou centena de 120\$000, 700 libras. Meia centena ou centena de 240\$000, 800 libras. Meia centena ou centena de 480\$000, 1:000 libras. E' dever pois d'todo o bom cidadão habilitar-se e jogar, com fé e esperanca, na casa mais feliz d'estes reinos, porque tambem é a unica occasião de todos ficarem, quando não totalmente ricos, pelo menos remedeados.

# Giuseppina Pasqua



Damos hoje o primeiro logar da *Comedia Portugueza* á distincta cantora Giuseppina Pasqua, que ha alguns annos occupa já um dos primeiros logares no mundo lyrico. A sua reaparição no pälco de S. Carlos teve a bella virtude de *aquecer* a temperatura do nosso theatro lyrico, cujos espectaculos decorriam em meio de uma eemsaboria fatigante e de uma frieza incómoda.

E essa esplendida mulher, essa afamada cantora, que ha seis annos provocou entre os *habitues* de S. Carlos fortes questões de rivalidades, reaparece-nos agora tão fresca como então, e mais artista ainda, se é possível.

Na *Gioconda* e na *Aida* a platéa de S. Carlos teve ensejo de reconhecer que ainda tinha na sua frente a mesma grande cantora de 1882, a mesma Pasqua, que tão ruidosas manifestações conquistou n'aquellas esplindidas noites de lucta e de enthusiasmos; e não hesitou por isso em coroar o seu precioso trabalho artistico com as mais calorosas ovações, homenagem que tambem nos associamos, como admiradores do formoso talento da sympathica artista.



Uma exposição morta: viva a exposição!

A industrial está agonisante, e morre nos braços dos seus carcosos, venho a dizer dos membros do jury, que alli vão deitar medalhas e menções honrosas, um pouco como João de Deus espalhava feijões por sobre um certo periodico lisboeta, de noticias—pelo prazer de contar uma asneira de baixo de cada feijão.

N'estes dias de chuva, pardos e tristonhos, é de ver como a enxurrada traz do curral de taboas da Avenida, á hora em que a feira desarma, um pouco da occa que pintalgava os pavilhões, e dos microzimas das habilidadesinhas seculares que os relatorios officiaes usam cognominar d'industrias portuguezas.

Symptoma inquietante—as industrias do paiz que algumas mostram dão de vida, e parece ressumbram certos haustos de liberdade, são ainda assim as fomentadas por prezos. E' o caso da Penitenciaria. Entre estas, avulta a do fabrico de bengalas.

Não haverá aqui um tal ou qual motivo d'inquietação para os juizes?



Entre os productos de pompa, que mais viva impressão produziram nos quarenta e dois *commis-voyageurs* inglezes ou francezes de visita á exposição industrial, avultavam os vinhós.

Com suas côres d'opala, rubim e burro quando foge, aquelles preciosos licores radiavam á luz, em pyramides de garrafas, qual mais bojuda e bem encapsulada. O grau-bretao sobretudo parecia cahir de queixos, perante aquellas exhibições do nectar divino, Madeira, Porto, Bucellas e Collares, que de tanta reputação desfructam nos catalogos do grande commercio de Loudres e Edimburgo. E eil-os de roda ás garrafas, com monosyllabos gulosos—*A very fine exhibition!*—á procura de guardas que lhes forneçam explicações. Os guardas chegam, bisonhos, deslavados, com um ar de terror por terem d'abordar um estrangeiro. Trava-se um dialogo em que o inglez condescende a inventar um portuguez, e o portuguez a dar-se ares de fallar o inglez: e elles debatem-se.

—*No comprehend!* diz o d'Albion.

E o de Chão de Maças, com uma raiva surda de o surprenderem em flagrante delicto d'ignorancia:

—Estes raios que veem pr'aqui mangar com um *home*, senhores!



E' então que o estrangeiro, cada vez mais acceso em desejos do vinho, delibera ir ter com o inspector. Aparece um alto, de bigode cahido, tres aneis de ferro no dedo médio, o côco roto, e um ar ainda mais deslavado e estarrecido. A mesma farça de cada qual macarronear o idioma contrario, a sabor da sua ferocidade nativa: intervallo de dois minutos para os dois adversarios se medirem d'alto a baixo...

—*Oh yes, sir!* *A very fine exhibition!*

—Lá entra o beef agora com lampanas!

Ha um movimento de desdem nos hombros do britannico: outra insolencia na bocca fuiz do inspector—depois do que, cada qual dá costas para o seu lado.

Um forasteiro então compadece-se do pobre curioso, que é talvez o representante d'alguma casa ingleza de negocio. O inglez explica-lhe... desejava informações ácerca dos vinhos expostos, precisa catalogos onde venha o nome do expositor, a proveniencia do vinho, a cifra de produção, o preço por almude: e finalmente, provas.

—Do catalogo, gentleman?

—Do vinho—do vinho que alli está n'aquellas pyramides de garrafas.

—Mas é agua córada d'anilina.

—Deve haver então deposito nas cavas.

—A unica cava que existe em Portugal é a de Viriato. V. s.<sup>a</sup> ha de ter ouvido...

—Oh si... de *Port's Wine!*

—Não, de Viriato: uma antiga caverna de ladrões.

—Mas o catalogo?

—Está-se a imprimir... só quatro ou cinco mezes depois da exposição fechar apparecerá.

—Mas quem é que informa aqui os estrangeiros, os negociantes, os simples *touristes?*...

—Eu digo a v. s.<sup>a</sup> O nosso paiz é todo feito de pessoas excessivamente discretas. Entre nós ninguem pergunta nada. Aqui não ha estrangeiros, nem negociantes, nem *touristes*... Em Portugal todos somos eguaes.

(*O informador acerca-se do inglez com ar mysterioso.*)

Se v. s.<sup>a</sup> quer saber alguma coiza, procure o director da secção agricola, o Jayme Arthur...

—Aonde é?

—Está á no gremio; ou o mais certo é elle vaguear agora por Caparica...

—E dista muito, Chifarica?

—Atravessa-se o rio... desembarque em Cacilhas, terra lindal quando chegar, tome V. S. um carro de mudanças...

—De mudanças?...

—Que o Jayme é bom rapaz... alto de mais torre-eifflesco... Ora se V. S. não levar consigo a escada Fernandes...

Aqui o inglez vae-se arengando:

—Paiz de negros! Raça d'escravos! Faz uma exposição de papel dourado e garrafas cheias d'agua... os guardas não sabem dizer nada aos visitantes... os inspectores descompoem quem procura informar-se, os directores de secção só são abordaveis com escadas d'incendio... *Portuguese's dogs!* e pensar que tudo isto mudava, raça, costumes, commercio, actividade, se a Inglaterra espalhasse pelas alcovas d'esta esteril cidade toda uma horda da nossa fulva marujada!...



Aberta a exposição de quadros, desata a chover. E ainda dizem que o grupo Leão não faz na arte a chuva e o tempo... variavel. A senhora duqueza não mandou afinal o busto prometido: e d'esta obra d'uma patricia, transfigurada pelos nervosismos do bello, não poderemos infelizmente murmurar os versos de Crespo...

*Marmore que eternisas  
Do feminino a ideia!*

Um quasi nada ignorante n'estas questões de cinsel e de paleta, fui-me ao *salon* da rua de S. Francisco, pelo braço d'um magro, amarelloide, amigo meu, cuja má lingua ás vezes tem conceitos de certa judiciosidade e galhardia. Começou este por bem querer ás telasinhas nostalgicas de Silva Porto, o bisonho e poetico perscutador da terra magra, das amarellidões outoniças, e dos deus affogados em bruma, quando novembro esmaece os campos, e vem as primeiras lavradas nas courellas.



Le danseur au tambourin

Silva Porto aparece este inverno com sollicitudes d'observação mui delicadas: as mesmas suas manchas teem um acabado, um *ensemble*, que faz d'ellas quadros, e d'esses quadros de paisagem, recantos encantadores de coração. Nenhum paysagista oferece analogias mais vegetaes, entre o caracter e a obra, do que Silva Porto. E' um pintor que se estima pela sua probidade artistica, tão funda, e pelo seu dom d'impressão, tão captivante.

O meu guia, não achando pé p'ra dizer mal do que elle expõe, pára deante do quadro da vacca (*Volta para a arribana*, n.º 55 do catalogo) e põe-se a dizer:

—Não se sabe se é a mulher quem puxa a vacca, se a vacca quem puxa a mulher.



Fomos d'alli a uma janelloria de Gyrão, com gatos dentro—uma janella pequena, de costureira pobre, em agua furtada aberta p'ros saguões. E' mesmo pena não haver no parapeito da dita um vaso de manjarico—um vaso intimo, em fayança, um pouco rachado, como o de Copéc. Não ha pra uma pontinha emoção, como um vaso rachado, n'um d'estes quadros de genero... maltez. Os gatos, uns oito ou nove, parecem-me latinistas quasi todos, e eruditos... Que grandes typos!... até um d'oculos dava ares de ter concorrido ás philosophicas do Real Collegio, mal-os que lá foram.

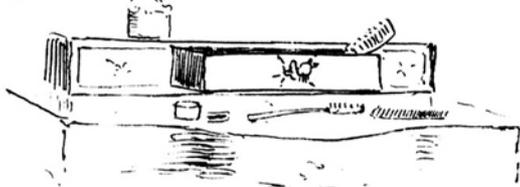
Logo, por cima está um gato n'um pulpito, um gato vago, com typo barjonaceo, que tem o geito d'estar prégando aos outros circumstantes:

—Olhae, meus irmãos, que melhor nos seria estar pregados no bojo d'um boião d'espermaceti, como gatos que somos... Pois como disse o padre mestre Theophilo Gauthier, vale mais ser gato d'aramé em loiça fina, do que gato pingado, em janella grosseira.

N'isto entra na sala um cão vivaz, *griffon* conspicuo, especie de João Sincero da sua raça, que encara nos gatos, pensa um momento, ergue a patinha... e nem sequer um latido contra a janella em que os sete bichanos se debruçam!

—Logo entendeu que os gatos eram empalhados! acrescenta do lado o meu cicerone. Este nosso Gyrão embalsama com talento animaesinhos! Caso prosiga dando amostras de progresso, hei-de lá mandar embalsamsr um percevejo—um velho percevejo de familia, que aqui ha quarenta annos começou vida forroando no... da minha avó, e nunca mais nos deixou—inda a gente mo rava, na rua dos Vinagres.

Seguimos viagem. Na sala da exposição não ha senhoras: arbustos tristes esfiampam pelos vãos das janellas a sua folhagem pallida d'esgotados. Um lustresinho de bronze vem do tecto e ameaça dár cabo do marmore de Teixeira Lopes, *Botão de Rosa*, que em redução daria talvez uns botõesinhos de punhos bem catitas.



E de cigarro acceso, o cicerone me aponta, pelas paredes, uns ratões que por ali ha garatujados. Alem se venera por exemplo, um catraciro de Condeixa, narigudo, de barba, apezunhado (n.º 13) com o ar de quem diz—*assin não me vqphas ver!* Alli está o velho de Teixeira Bastos (n.º 3) com seu chapéu de palha, que lembra o dito da hespanhola nos *Maias*, a respeito do rei: *Tiene cara de buena persona!* E o antiquario de Malhóa (n.º 40) velho escorrido, de casaca verdense e carinha n'agua, verdadeiro typo do salsa, com seu filetesinho de parrana... Depois a cosinheira velha de Greno (n.º 19) posta em socego junto a uma banca de cosinha, entre um livro de rezas e um canjirão—e com focinhos de

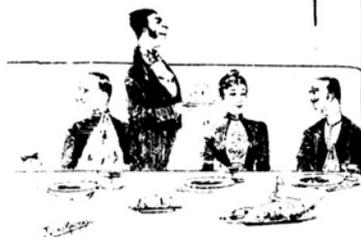


**O abbade.**—N'esse dia, o semblante rubicundo enche-se de cores jubilosas por mais uma vez saudar os amphytríones e respeitável familia. Este jubilo leva-o a fazer dar mais voltas ao copo, de frente dos beiços, do que deu em

toda a noite o sino da freguezia.

Depois do jantar, ao voltarete não é raro dizer em vez de —peço res postas— peço uma saúde! O jubilo.

**O tio Julio.**—A alegria da mesa Foi cabo de esquadra, piloto, lingua na alantega, professor de latim. E' elle que traz os bonecos á rapaziada, e no fim do jantar acaba por fazer uma declaração d'amor ao abbade. Uma pandego, teliudo, mas bom coração! E' mano da mana!



**A tia Joanna.**—Solteirona, Faz os coscorões e as filhós. Mãos de prata para doces, lingua do mesmo metal para as vidas alheias. O dono da casa referindo-dese a ella diz sempre—a mana! E' uma corrupção de maná... vicio do céu!



**Um visinho pobre.**—Não tem familia. E' sempre convidado. Paga a bondade do convite com saudes, algumas originas. Ao 6.º copo do branco de 1820 bebo á saude de V. Ex.ª e do menino Jesus! Deitico-so!



**Na taberna.**—Sem eira nem beira. Uma malga de feijão branco. Castanhas e Cartaxo. —Então nasceu o menino? —Ora adeus, quando elle nasceu já eu gatinhava. Salta meio litro



**O tio Francisco.** Adora estas festas de familia. São bonitas e apertam os laços do affecto. Acha indispensavel o tradicional peru. Por uma curiosa coincidência retira-se todos os annos para casa (d'elle) com a fêmea do animal exigido pela tradição.





—O comendador Felizardo, de trinchante suspenso sobre o peru?  
 —Ara ou peito, D. Fulgencia?  
 —Para mim?... a mitra, comendador, antes a mitra, sim?  
 —Com todo o gosto.



Na casa fidalga:  
 —Então, papá, este anno não ha jantar?  
 —Tens tu trinta libras para tirar a baixela do Monte-pio Geral?  
 —!



Dialogo solto.  
 —Pode acreditar D. Luiza, que nem todos os nataes cahem a 25 de dezembro!  
 —Ora essa!  
 —E' como lhe digo.



—ESCOLHA-ME UM NUMERZINHO BONITO...



—N'esta noite á uso comer peru. Sabes o que é um peru?  
 —Já os tenho visto... no largo de S. Domingos.

bebida, a velhaca, sem menoscabo de vossas senhorias! O serão de Condeixa (12) outro que tal! E' uma dama que depois de ler *lerias* n'um livro que se vê aberto sobre a meza, por ventura intenta traduzil-as n'um trabalho de *crochet* que tem nas mãos. O petroleo allumia esta tocante scena de família, aonde falta um gato, e aonde em compensação quasi que se ouve ferver uma chaleira. Pobre pintura! Onde diabo estará o gato d'esta dama? Que a chaleira... essa deve estar em sitio certo.

Uma paisagem de Pinto (n.º 43) tão verde, tão verde, que a dirieis allumiada sob os auspícios do reverendo *père Kermann*. Chama-se a Ribeira de Nisa: ha arvoredos, pedras, lavadeiras... Ouvi que esta pintura tem seu movimentinho lá por dentro. Mechendo-se-lhe na mola, sae um caminho de ferro por traz do arvoredo, que atravessa a ribeira, com marmanhões que vão ver a toirada. Um d'esses faz da terceira classe, as lavadeiras, certo aceno, a que ellas redarguem com palmadas de birra, no reverso.



Lá cessa a chuva. Vae um fornigueiro de gente pela rua Nova do Almada.

E nós descemos de manso, enquanto o meu camarada insiste em demolir as artes nacionaes. O meu desejo seria apasguar-lhe a má lingua... que diabo! é preciso ser justo... muitos d'aquelles rapazes teem talento... A exposição d'este anno é das que menos abundam em estravagancians. Ha de Josepha Greno estudos de flores deliciosamente pintalgados. Oaboboral de Malhóa por exemplo, é bastante justo e pitoresco. As caçarollas de José Queiroz reflectem justezas de visão nada vulgares; e dois ou tres quadrinhos de Vaz teem sobriedades d'artista escrupuloso.

O meu sarcasta estacára, escutando. E expalmando subitamente a manapola:

—*Dura lex, sed lex...*

Ousariis suppór que elle nos desse n'aquelle latinorio formalista, o rigorismo imposto á critica perante as ineciativas sympathicas que se debocham, sem haver dado o fructo promettido.

Mas qual! O meu cicerone já nem se recordava do que dissera. Estavamos de frente d'uma vitrine de leques da rua nova do Almada.

*Dura leques, sed leques!* E o que elle dizia era simplesmente um calembour.

*Irkan.*



A *Comedia Portugueza* não podia deixar de saudar fervorosamente Thomaz Costa pela sua brilhante escultura, exposta nas salas do *Commercio de Portugal*.

Deliciosa no modelado, cheia de vida, finamente graciosa no movimento, arrojadamente lançada, de uma anatomia irreprehenivel, é, com certeza, o mais brilhante trabalho que um estudante portugez tenha executado.

Saudando o novo escultor, sentimos que até hoje nem o governo, nem a camara municipal, a quem foi indicado o alvitre, tenham decidido a aquisição da magnifica estatua, protegendo assim o talento d'um dos mais distinctos estudantes portugezes.

Que o distincto escultor continue a vencer as difficuldades da sua carreira, até que chegue a impor-se pelo seu grande talento, é o que unicamente lhe desejamos, por elle, tão sympathico e modesto como valioso artista, e pela arte portugeza que parece remocar sob um visivel-impulso de vida nova.



## ÁS MEDICAS

Convem lembiar ás nossas futuras medicas alguns episodios na defeza da these de mademoiselle Carolina Schultze, em Paris.

A these da formosa estudante tinha por titulo «A mulher medica do seculo XIX». Pretendeu demonstrar que a mulher terá no mundo medico logar importante e que os homens praticos a verão considerar.

Realmente não era preciso trabalhar arduamente á banca anatomica, nem queimar as pestanas em leituras de pathologistas, para chegar a esta conclusão.

Toda a gente sabe como entre nós a classe medica respeita as mulheres e as considera e, direi o termo, as ama.

Ninguém desconhece as loucuras dos galenos, deixando patria e lares, indo através dos oceanos, procurar no seio das florestas da America uma cabana para o seu amor.

Quanto aos homens praticos, Deus nos accuda! se ha coiza que para elles tenha importancia é justamente essa nossa metade, qualquer que seja a profissão, comtanto que tenha um palminho de cara d'estes que nos arrancam a exclamação consagrada—*Benza-a Deus!*

Mademoiselle Schultze, franceza, educada em Paris, bonita, a desconhecer a importancia da mulher, faz lembrar um alfyate a perguntar se os casacos servem para vestir ou para beber!

Ingenua, mademoiselle, sabendo de anatomia e tudo!

Mas o sr. Charcot, o velho conhecedor do organismo feminino e das mansas pathologias, teve para a doutora umas frazes de fina critica graciosa.

«Será sempre uma excepção a mulher medica. Em todas as manifestações da intelligencia ha mulheres excepcionaes, na arte, nas sciencias, na litteratura.

«Tem havido até mulheres militares e no entretanto a profissão é precisamente o que menos convém ao seu sexo! E é preciso notar se que quando as mulheres se mettem a exercer uma profissão só propria aos homens, nunca é um papel secundario que pretendem desempenhar.»

E' verdadeira esta observação do illustre professor e tanto mais lamentavel quanto é certo que os homens lhes não podem pagar, reciprocamente a invazão das attribuições.

E continuou:

«Temos agora as mulheres medicas, ambicionam logares nos hospitales. Exercerão, verá, a medicina nas grandes cidades e porão de parte a ideia da ir tratar os doentes dos campos.

«Taes pretenções são exorbitantes, porque são contrarias á propria natureza das coisas. São contrarias á esthetica.

«E' formosa, mademoiselle Schultze; pois bem! cre que certos pontos da medicina, sob o ponto de vista no exercicio d'esta arte, convém á sua belleza e ao seu vestuario?»

O illustre doutor sorriu e mademoiselle cõrou, resolveu mudar de vestuario e deixar bigode e pera.

Mesmo assim, ainda, pode ter a certeza, ninguem acredita que seja um homem.

«Oh! les femmes!»





### A ODYSSEÁ DOS CAIXEIROS

Comissões, reuniões, manifestações, abaixo-assignados, pedidos, supplicas, tudo esses pobres rapazes, tão sympathicos e tão pacientes, teem posto por obra, para conseguirem uma coisa tão justa, e que até a Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana include nos seus mandamentos. E até hoje, n'essa campanha que já dura ha mezes, teem elles sido tão correctos como pouco felizes.

Porque será que os senhores patrões, na sua maior parte tão apegados á santa religião e tão cumpridores dos seus preceitos, só n'isto se obstinam em desacatal-a e a desobedecer aos seus mandamentos ?

Quem é que pode desvendar os mysteriosos refegos d'um cerebro de patrão ?

E nós iriamos jurar que ha tal que diz que não, só para ter o inefavel prazer de que se falle no seu nome.

Depois talvez não seja assim; pôde ser que toda essa lucta pertinaz tenha por unico motivo um simples erro arithmetico; porque bem se sabe que para ser patrão, e patrão teimoso, não é absolutamente necessario saber contar.

Elles dizem de si para si, que na renda que pagam ao senhorio pelo semestre se incluem os domingos, e que não lhes fazendo os senhorios um abatimentosinho n'essa *despeza*, tambem não podem elles fazel-o aos caixeiros na *receita*.

E' um calculo profundo, na verdade, mas ss. ex.ª poderiam pensar que o consumo não augmenta com o terem as lojas abertas ao domingo, assim como não diminuirá tendo-as fechadas n'esses dias, resultando-lhes ainda n'estes casos uma economia... de escripturação.

Pois não é verdade ?

Ora vamos lá, corações duros, corações de rocha, corações de bronze, e tempo de abrandar esses rigores.

Os rapazes pedem com tão bons modos, com tanta justiça, promettem tanta gratidão, que v.v. ex.ª, se com o seu assentimento não conseguirem precisamente a immortalidade, sempre se arriscam a apanhar o seu viverio, as suas palmas, e quem sabe até se o seu foguete, o glorioso foguete nacional.



## 25 de Dezembro



# A LOTERIA



—Ganhava pelo officio  
Os meus dez tostões por dia;  
Por ambição ou mania,  
Se antes não foi maleficio,  
Nigromancia ou bruxaria,  
Contraio o maldito vicio  
De jogar na loteria;  
E na té que me devia  
Raiair um dia propicio,  
Eu, que d'antes nem sahia,  
Desde então... (quem me diria!)  
Não sei por que antipathia  
Acho a casa uma enxovia,  
Acho o trabalho um supplicio...  
E é de vossa senhoria  
Que espero algum beneficio!

—Eu, ainda que quizesse  
Fazer-lhe algum sacrificio,  
Tenho familia de mais;  
E a Santa Casa parece  
Que é que deve em casos taes  
Valer a quem empobrece:  
Apresente-se aos Vogaes  
Assim mesmo esfarrapado,  
Conte-lhe toda a verdade,  
E fie-se na caridade  
De quem o poz n'esse estado.

João de Deus.



Maschey



DIRECTOR-LITTERARIO

**Marcellino Mesquita**

REDACTOR-EFFECTIVO

**Fialho d'Almeida**

EDACTOR-GERENTE — **Silva Lisboa**

### Condições da assignatura

LISBOA — Anno, 27500; Semestre, 17300; Trimestre, 650. — PROVINCIAS E ILHAS — Anno, 27600; Semestre, 17400; Trimestre, 700. — HESPAÑA E AFRICA occidental e oriental — Anno, 37000; Semestre, 17500. TODOS OS PAIZES DA AMERICA POSTAL — Anno, fr. 17, ou lb. 0.137, ou mk. 13.60; Semestre, fr. 8,50, ou lb. 0.6.10, ou mk. 6,80 — BRAZIL (moeda corrente). Anno, 47000; Semestre, 27000.

Numero avulso 60 réis. — Anuncios: por linha 20 réis. Anuncios illustrados: preço convencional.

A assignatura é contada do 1.º de cada mez em diante, e paga adiantada. A cobrança das importancias das assignaturas nas provincias e fóra do paiz, effectuar se-ha por meio de saques postaes, não preferindo o assignante fazer remessa em vales do correio.

Escritorio da Administração — Rua Ivens, 41, 1.º

158, RUA DO OURO, 158

96, TRAVESSA DA VICTORIA, 96

# A casa mais importante de Portugal

Em gravuras e fabrica de carimbos de borracha, é a de

A. L. Freire, gravador de Suas Magestades e Altezas, principaes repartições do estado, correios, caminhos de ferro, alfandegas, camaras, bancos, companhias, commercio etc.

Esta casa tem tido ultimamente, como sempre, importantes encomendas de sellos e carimbos para as principaes juntas de parochia, a ponto de ter duas importantes casas, como a dos ex.<sup>mos</sup> srs. Herman e Ribeiro & C.<sup>as</sup>, fabricando prensas para as ditas, e ainda ter que mandar vir do estrangeiro, pelas importantes encomendas que tem tido.

Esta casa tem sido a preferida em todas as arrematações em que se tem apresentado, taes como correios, guarda fiscal (aonde se apresentaram todos os gravadores de Lisboa), ministerio da marinha, Sousa Lara & C.<sup>as</sup>, alfandega, etc., isto em vista de dispor dos melhores artistas portuguezes, e ainda um francez contractado por 4 annos, já bem conhecido pelos seus trabalhos, e com respeito a preços, rapidez e perfeição, casa nenhuma portugueza ou estrangeira pode competir com esta, como se tem visto publicamente.

**A. L. FREIRE**

GRAVADOR

96 — Travessa da Victoria — 96

158, RUA DO OURO, 158

Bandeira na esquina

# O PARAIZO DAS CRIANÇAS

Estabelecimento de quinquilherias e retrozeria

## Especialidade em Brinquedos

Para brindes e ornamento da

**ARVORE DO NATAL**

**A. J. Cardoso Junior & C.<sup>as</sup>**

47 E 49 - RUA DA BITESGA - 47 E 49

LISBOA



PAPELARIA

E

Objectos para escriptorio

FRANCISCO AFINSONO PEREIRA VIANNA

64, RUA DA PRATA, 66

59, R. dos Retrozeiros, 61

LISBOA



**JOÃO CANDIDO DA SILVA**

229, R. do Ouro, 231

Premios maiores sahidos n'esta casa, na extração do dia 27 de dezembro de 1888:

4694	cantel.	1:000\$000
4029	quint.	200\$000
2018	cantel.	100\$000
2297	cantel.	100\$000
2622	quint.	100\$000

A 31 do corrente se extrahê a ultima loteria de Madrid do anno de 1888, com o

**PREMIO MAIOR**

**25:000\$000 RÉIS**

Bilhetes.....	11\$000
Meios.....	5\$500
Decimos.....	1\$100

Cautellas de diversos preços.

**JOÃO CANDIDO DA SILVA**

CONVIDA

BIBLIOTHECA

DE

**SCIENCIA PRATICA**

PUBLICAÇÃO SEMANAL

DE

Processos e receitas modernas para diversas preparações, conselhos sobre hygiene, medicina e agricultura. Respostas a quaesquer perguntas feitas pelos srs. assignantes relativas a processos e receitas.

**O SARGENTO**

EPISODIO DA REVOLUÇÃO DO PORTO  
ROMANCE HISTORICO E ORIGINAL

POR

Manoel Augusto de Souza

Começa a publicar-se em janeiro e assigna-se no escriptorio calcada Nova de S. Francisco, 14.

Preço 40 réis

# Van-Zandt



Quando appareceu nos jornaes e nos cartazes o nome de Marie Van-Zandt, como celebridade lyrica, para umas recitas extraordinarias no theatro de S. Carlos, com augmento de preços, levantou-se um côro de duvidas e de affirmações ácerca dos verdadeiros meritos da gentil cantora, a quem uns não queriam dar fóros de celebridade e de quem outros apregoavam maravilhas artisticas. Todas as duvidas desapareceram, porém, logo que Marie Van-Zandt fez a sua estreia no nosso theatro lyrico, na *Mignon*, em que o seu trabalho de scena foi tão extraordinario como é primoroso o seu methodo de canto e encantador o timbre da sua voz, crystallina, bastante extensa e de uma agilidade assombrosa.

Os applausos teem sido unanimes e calorosos, tanto do publico como de toda a imprensa, que a proclama hoje, sem o menor protesto, uma das cantoras mais distinctas, mais notaveis e mais completas, que teem pisado o palco do theatro lyrico portuguez! A *Comedia Portugueza*, associando-se entusiasticamente a esse côro unisono de applausos, felicita a privilegiada artista por ter conseguido fascinar tambem os *pelles-pretas*... de S. Carlos—á imitação do que lhe succedeu com os *pelles-vermelhas*... da America—a darmos credito ao que se encontra descripto a'uma das suas biographias. E a nossa felicitação é tanto mais sincera quanto é certo a convicção em que estamos de que esta sua nova conquista não é para considerar menos difficil do que aquella... Cá temos as nossas razões.



Os leões deram agora em não querer carne de vacca ás refeições. Exaspero da domadora Leonda, que recorre aos fabricantes de guano d'Alcantara, a que lhe abatam jumentos, para os banquetes da sua *ménagerie*. Apenas o facto foi sabido na cidade, foi de ver como debandaram para a provincia, os mais conceituados talentos da raça antiga e nova. O homem do guano agora vê-se parvo! Des'que prometeu quartos de burro ás feras de Leonda, desapareceram do Martinho os criticos e escriptores; e das janellas no *Turf*—Oh ceus que vejo! foram retiradas as colchas escarlates.

Quatro dias a domadora foi á *equarrissage*, e do fundo da jaula os famintos leões rugem de fome, exigindo quando mais não seja, para o almoço, os quartos posteriores d'um academico. Oh mas a carne de burro está em Lisboa pela hora da morte! E sem tirar nem guarda-te, os leões atiram-se ás pernas da domadora.

*Inda hoje o caminhante  
Quando passa o Colyseu  
Sente a pobre em compressas d'arnica,  
Um burro pedindo ao ceu!*



Inaugurou-se o theatrinho novo da rua dos Condes. Edificio garrido, ornado de lucarnas e janellas esguias, com uma sala d'espectaculo pequenina, acaedinha, pintadinha, e um bufete em estylo Alhambra e becco do Gaspar Trigo, muito especado de collunellos vermelhos e azues. No friso d'este, ha uma inscripção em arabe antigo, sobre os intuitos da qual temos suspeitas. Procurámos quem nol-a vertesse á lingua patria: mas é singular como o estudo do arabe classico anda descurado entre nós! Apenas um amigo nosso, velho erudito, nos conseguiu traduir aqui e além, palavras vagas da inscripção:

*Vê se... amanhã... roda...*

Effectivamente o theatro abriu no dia anterior ao da tiragem da grande loteria do Natal: cre-se pois que a inscripção seria um reclame do Fonseca aos 450 contos. Mas occorre perguntar: porque a não estampou o conceituado cambista na fachada do seu jornal, e preferiu mostrar-a a oiro e vermelho, no friso do botequim da rua dos Condes?



Não me detenho a commentar aqui os episodios d'aquella primeira recita do theatrinho novo, o qual, seja aqui dito, tem umas cadeiras excellentes. Nem as da Pasqua, caramba!

Fosse a companhia como as cadeiras, e não teria vindo um comico á bocca de scena, na opereta das *Duas Princesas*, fallar das suas cans, apontando para uma cabelleira negra d'azeviche, em termos de deixar os espectadores um pouco duvidosos acerca da sinceridade das suas declarações. Tambem alguém notou que as actrices, quasi todas despatriotizadas dos relevos peculiares ao sexo amavel, abusassem um tanto do efeito scenico de metterem os dedos no nariz, e de arrojarem sobre a platéa, á guiza d'osculos, certas pilulas d'extracto nasal, que nos parece não constituam positivamente um requinte de graça, em *chanteuses* assim desprovidas de adiposidades peitoraes.



No tecto da sala ha uns medalhões com retratos do Tasso, Emilia das Neves, Garrett, e não sei quem mais —o melhor e mais immortal dos nossos artistas theatraes de ha quarenta annos. Seja-nos licito esperar, que outros quarenta volvidos, nenhum dos escriptores e comediantes que inauguraram a sala da rua dos Condes—Taborda áparte—figure a oleo, em medalhões de celebreira, no tecto de qualquer scena do paiz. Não que elles falleçam de qualidades dramaticas, recreativas e mimicas, que inhabil-os possam da consagração pictoral (até de corpo inteiro, c'os diabos!) no perystyllo ou telhado de qualquer sala, mesmo de callista—mas porque infelizmente, mau grado o indiscriptivel talento de todos, ninguem ainda lhes proporcionou uma boa occasião de o revelarem.

Já uma vez, n'um *meeting* d'Alcantara, nós dissémos ao povo a pungente verdade que ora repetimos:

—E' a modestia que em Portugal faz passar por tolas, muitas pessoas que lá fóra haviam de ser apreciadas, como burro!

Fallei em burro... Oh c'os demonios!... se a domadora ouve!



Lisboa tem nos seus hotéis nada menos do que a missão chineza, vinda de Hespanha pelo caminho de ferro, e o conde de Paris, chegado de Inglaterra pelo vapor *Niger*. Os chinas da missão diplomatica são authenticos: assim, como monarcha francez, o fosse o senhor conde!

Na fronteira de Hespanha uns larapios apanharam-lhes tudo o que traziam... as cartas de recommendação que o nosso embaixador lhes dera em Madrid... um cheque de 850.000 réis sobre o *London-Brazilian-Bank*... dois rabichos de ver a Deus, novos em folha... caixas de chá... e amuletos e cabaiaes, como o guarda-roupa Kruz nunca ha de ter.



Apenas chegados a Santa Apollonia, os guardas d'Alfandega, sempre *lestos no serviço* como a Rozalina dos Sinos, levaram a minuciosidade fiscal até ao ponto d'erguerem as fraldas de seda ao presidente da missão—lobrigando-lhe apenas por baixo, uns objectos... que por modos não figuram na lista do contrabando.

Ahi vieram os amoraveis chinezes pelas ruas da cidade, sob um aguaceiro horroroso, até uma hospedaria da rua do Ouro, aonde o hospedeiro, tomando-os por mascaras, lhes recusou guarda no seu hotel.



A' noite foram todos ao baile da Trindade, e continuaram alli a captar as atenções, mercê dos mirabolantes vestuários que ostentavam. Ninguem, claro está, se decidiu a tomal-os por chinezes, e todos á uma teimavam em confundir o presidente da missão com o escriptor Latino Coelho.

Em balde o inseparavel irmão de S. Ex.<sup>a</sup>, tão conhecido nos bailes de mascaras pelo pseudonymo aliaz sympathico de *saloic dos carnavaes*, tirando a mascara em plena folia, declarou categoricamente que o nobre escriptor estava a essa hora roendo um affrabbio do seculo XVI, com varias outras veneraveis traças academicas.



Deverei agora dizer-lhes que entre os chins da missão vem o beijinho de Pekin? Elle, pintores, escriptores dramaticos, archeologos, architectos... Os intuitos da viagem ficam ignorados por emquanto... dizendo uns que a commissão vem resenhar dos monumentos e grandes livros de Portugal no presente seculo; dizendo outros que os seus propositos se limitam a estudar a organização dada á policia, pelo Eduardo Guimarães; e outros ainda que ella vem simplesmente a convite do principe lavrador, caçar o veado em Villa Viçosa.



Como é sabido, S. A. R. faz os seus convites por *tours*. Ha o *tour* dos diplomatas, o dos escriptores e desenhistas da cõrte, o dos analphabetos que sejam ao mesmo tempo moços de forcado, e o dos moços de forcado que sejam ao mesmo tempo... analphabetos.



E' a primeira versão a que melhor nos quadra. Os chinezes por força que vem inquerir dos nossos livros e monumentos! Não esqueça pois o governo de os mandar ao frontão do Pelourinho, a Luso, ás cocheiras do José Maria Eugenio: assim como seria erro de leso patriotismo não lhes mostrar a *historia da Lusitania* do Bonança, o atlas geographico do Oscar, e os trabalhos dramaticos do nosso admiravel Santa Rita. Em paiz algum se desenvolvem as sciencias e artes com mais fogoso espinotear de homens illustres, como entre nós, á hora presente. Sem ir mais longe, os poetas... é cada parrelha d'alexandrinos!



Estamos que a missão chinesa ha-de admirar os progressos actuaes d'este paiz. Pena será que, ella se não demore em Lisboa até ás primeiras sessões parlamentares, e apenas imperfeitamente possa apreciar-nos, atravez as ultimas sessões da Camara Municipal, aonde ha três dias se discute se os bombeiros teem ou não o direito de se reunir, sob um *mot-d'ordre* que não seja feito co'as badaladas a fogo, nos sinos das freguezias.

Foi o caso d'estes intemeratos heroes que, etc., etc... se constituirem em assembléa para o exame da organização dos novos quadros bombeiras, recebendo em pleno calor da discussão, ordem do inspector para a dispersarem sem mais delongas, se pôrem ao fresco, levando para casa os argumentos que traziam no papo, a favor ou contra os regulamentos que citei.

Furiosos com esta prepotencia do inspector—que allegando a feição militar da corporação, exigia aos bombeiros obediencia, e o mais austero respeito á disciplina—os bombeiros reclamaram da camara salvos—conductos para se reunirem onde e quando quizessem.



Foi uma salgalhada diabolica! O rei D. Fernando chama a capitulo os seus vereadores, falla-lhes com a resonante voz dos dias solemnes, de luneta esfumada, e tão fumegante estylo, que se chegou a suspeitar d'algun vereador adverso, que lhe tivesse chegado um phosphoro ao apellido.

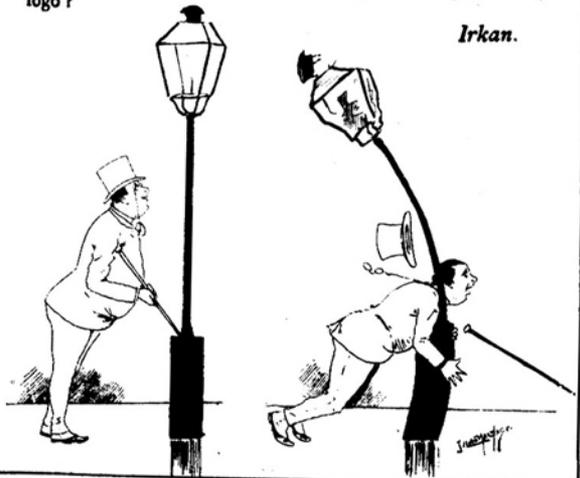
Discussões acirradas, interminaveis discussões—ao fim das quaes a camara prohibe d'ora avante a reunião de mais d'um bombeiro... involuntario.

Excepção feita para casos de fogo...



Precisamente esta excepção vae suscitar aos bombeiros rebeldes, um sophismasinho encantador, que passo a dizer. Sempre que elles queiram tramar, mettem na sala das sessões duas ou tres bombeiras—de certo modo adestradas em manobras de bocca d'incendio. E d'ahi vá-lhes o inspector prohibir a assembléa! Lá está a attenuante municipal a salvaguardar o direito de reunião. Pois n'este caso, quem é que póde affiançar, não haja fogo?

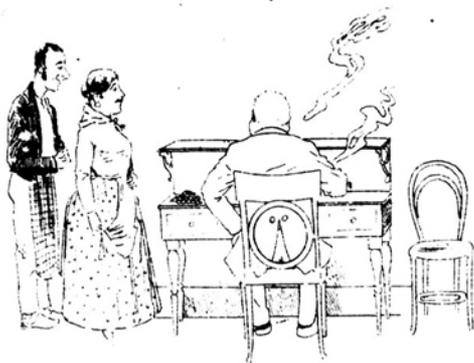
Irkan.



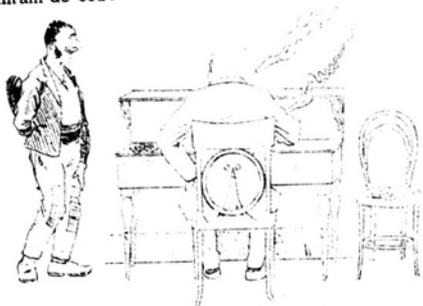
# O Premio dos Cambistas



João Raymundo recebeu a grande nova. Cem libras, loiras e bellas ostentam-se na sua secretária. Contempla-as! Cem libras que cahiram do ceu!



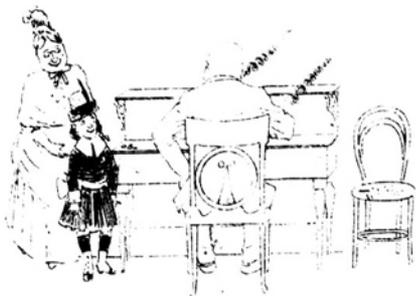
O creado e a creada vem felicitar sua senhoria.



O aguadeiro vem dar os parabens ao patrão.



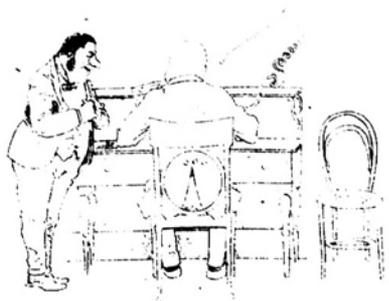
Uma senhora conhecida lembra que merece pelos seus bons serviços...



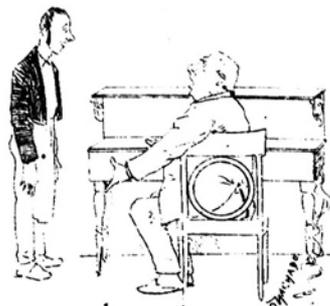
A sobrinha Annica ao saber tal vae dar dois beijos no Ti-Ti.



Catão Viegas sem recursos por causa da renda das casas, que o poz á divina, vem sollicitar da velha amizade...



O mercieiro da esquina traz os parabens e uma continha antiga.



Quadro final:  
--Faz favor de dar dinheiro para o carvão?  
Olha põe no tá tu, e empresta-me cinco tostões, que preciso de tabaco!!!

# da Loteria

## cenais



— Que besta de sorte aquele  
 — Não, diz antes, que sorte de  
 — Não, diz antes, que sorte de  
 — Não, diz antes, que sorte de



**Ilusões perdidas**  
 — Se me soubesse a talada, ó cara  
 Angelica, como seríamos ainda fe  
 — Coitado!

**Entre Marialvas**  
 — Sabiu a sorte grande ao meu  
 alface!  
 — Sim?  
 — Porque lhe uma conta com que  
 elle já não contava!



**Entre anotas**  
 — Então o João casou com a  
 filha do Leandro? Marcol ap. arhou  
 os seus can. contou a sorte gran  
 —  
 Que admiração, havia no esse  
 bilhete.



Diabo, sabiu-me branca!



**Na rua**  
 — É na... apanhaste a talada!  
 — Apêntet... n'uma de cinco.

JULIANO VASCO

### PREMIO JUSTO

Diz um collega :

«Foi agraciado com a medalha de prata, de comportamento exemplar, o sr. infante D. Affonso, tenente d'artilheria.»

E' para nós motivo de muita alegria esta noticia.

Não porque nos invadissem a suspeita de que sua alteza não fosse um perfeito gentleman, sabendo conduzir um cavallo, guiar uma parelha, ou marcar um cotillon; mas porque a voz popular, essa voz que corre atraz de todos nós, dos principes aos pastores, começava a crear ao redor de sua alteza uma athmosphera lendaria de passeios exageradamente amados, de olhares languidos para saccadas floridas, onde alguma aspirante a princeza disfarçava, olhando o crystallino Tejo, a olhadella para o tenente louro das artilherias da patria.

E aventavam-se coisas e factos, vistos, presenciados.

No theatro tinham-no visto fazer um signal maçonico para a señorita F. e um dia nas corridas tinham-no encontrado a bichanar atraz das tribunas, com mademoiselle C. da Companhia lyrica, uma loura, alta, arrancada garotamente aos braços do conde de L. pelo brilho da «cabellecia loua» de sua alteza.

E nós, como bom povo, sempre crentes nas graças dos principes, desde que lhe conhecemos as prendas, nos contos infantis, com que nos adormeceram, sorria-mos cá para dentro jubilosos e altivos, que fossem nossos, creados no nosso solo, alimentados pelos legumes das nossas hortas e pelas vaccas das nossas lezírias.

Todavia recebiamos sempre: — que não vá o moço perder-se no cairel das paixões! Que o demonio da tentação o não arraste ao tremedal dos vicios onde se perdem os melhores corações e os mais altivos caracteres!

Não, felizmente não.



Sabe-se hoje, que ainda que soldado, jámais o seu pret se desviou para applicações alheias á arte da guerra; que jámais o viram cortejando uma mulher qualquer; que não falta aos domingos á missa; que dá esmolas aos pobres; que recolhe a casa ás 7 horas da noite, de verão e de inverno; que joga a busca em familia, a feijões; que é emfim o modelo dos rapazes de artilheria, com dragonas e tudo!

Sua alteza, diz a ordem do exercito, tem um comportamento exemplar! Como artilheiro está ao lado de S. Francisco Xavier e de fr. Bartholomeu dos Martyres! Um exemplar!

Meu principe, que Deus conserve os preciosos dias de vossa alteza, porque de contrario, hãvemos de ter uma difficuldade dos demonios em vos encontrar logar, não nas nossas orações, que esse pertencer-vos-ha sem replica, mas na folhinha, serenissimo senhor, que está cheia a deitar por fóra.

—Infante santo n.º 2...—Vossa alteza riu-se? Tambem nós; permitta-nos a camaradagem do nosso riso, enquanto lhe não podemos endereçar as vozes dos nossos suffragios.

Mil respeitos ..

### A CASTA ALBION

A agencia Havas transmite-nos o seguinte elucidador telegramma :

LIVERPOOL, 21.—O tribunal de appellação condemnou em 14 dias de prisão e 90000 réis de multa um livreiro que vendia os romances de Zola.—(Havas).

Delicioso exemplo e ensinamento para a indolencia das nossas auctoridades, com respeito a medidas a tomar sobre publicações perigosas.

A Inglaterra, a casta Inglaterra a condemnar os romances de Zola, depois dos escandalos revellados na «Pall Mall Gazette», demonstra-nos que entrou no caminho do bem, da regeneração.

Oh! a pudica Albion!

E nós callados, immoveis, perante os annuncios escandalosos das nossas publicações pornographicas, que se escancaram todos os dias pelas quartas paginas dos jornaes, para gaudío secreto das senhoras semi-serias, como dizem os annuncios.

E' bem certo que a cerveja produz, ás vezes, uns arrôtos eccentricos.

Que se reveja em nós a Inglaterra, e veja como lendo Zola e muitos dos nossos periodicos, conservamos, não direi a flôr da larangeira, mas a apparencia branca das vestaes antigas e uma alegria das almas boas e das consciencias limpas, que nos atira á immortalidade lyrica das operetas.

N'isto podemos dar lições á nossa querida alliada.



Prégava um dia em Coimbra,  
N'uma espaventosa festa,  
Certo prelado que timbra  
D'argute, e sae-se com esta,  
Que fez sorrir o vigario:  
—»Meus irmãos! A morte é certa,  
Mas a hora é que é incerta...  
Se ao menos fosse o contrario!...

Fernando Leal.



### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*O Novo Mundo*—Um interessante e util folheto, oferecido pela casa commercial de Grand'ella & C., contendo o catogo de todos os artigos de fazendas e vestuários que se vendem nos seus estabelecimentos, e illustrado com figurinos das ultimas modas, tanto para *toilettes* de senhoras, como para as de sexo... feio e forte.

*A Semana*—O n.º 10 d'esta publicação illustrada traz um bello retrato do sr. visconde de Melicio.

Acompanham este numero mais uns fasciculos do romance *Vingança dos Reis*,—tudo publicado sob a intelligente direcção do sr. F. Pastor.

*Catalogo illustrado*—da 8.ª exposição d'arte moderna, com reproduções dos desenhos originaes dos expositores, publicado pelo nosso amigo Alberto d'Oliveira, um rapaz sympathico e trabalhador, a quem o grupo Leão deve importantes e inolvidaves serviços.

*A Illustração*—Recebemos o n.º 25 correspondente ao dia 15 do corrente mez. As gravuras, além da actualidade e interesse de todas ellas, são de execução delicadissima, havendo algumas de grande merecimento artistico. Na parte litteraria nota-se a costumada variedade e o modo brilhante como todas as suas secções costumam ser sempre redigidas.

Cada numero da *Illustração* consta de 16 paginas, nitidamente impressas em optimo papel, e custa 100 réis.

Assigna-se na casa editora DAVID CORAZZI, rua da Atalaya, 40 a 52 Lisboa.—No Porto na sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.



O sr. F. B. Dias, proprietario da acreditada papelaria e typographia da rua Augusta n.º 21 a 25, distribuiu á imprensa um delicado brinde, que muito honra a sua casa commercial.

E' um calendario para 1889, com lindos chromos, verdadeiramente primorosos pela execucao e pelo colorido. Agradecemos a amabilidade da sua offerta.



### Aos nossos assignantes de Lisboa

Approximando-se o fim do anno e sendo possivel que alguns dos nossos assignantes mudem de residencia, rogamos a estes o favor de nos indicarem em bilhete postal qualquer alteração n'aquelle sentido, afim de evitar embaraços e demoras na expedição do proximo numero do nosso jornal.



### Aos nossos assignantes da provincia

Com o presente numero termina o primeiro trimestre do nosso jornal. Por isso rogamos aos nossos assignantes da provincia, que ainda estejam em debito, o favor de fazerem com promptidão o respectivo pagamento, e aquelles que já pagaram rogamos tambem a fineza de renovarem as suas assignaturas, a fim de que uns e outros não sofram interrupção na remessa d'este semanario.





Na ratoeira do tempo ainda ignobilmente está a agonisar **SD**, e já ao faro do queijo o ratinho **SD** se prepara a esfuziar pela portinhola do carcere, a sua cabeça aguda e chata de roedor.

Não temos esperança de que este valha mais e produza melhor do que o seu camarada assassinado; porquanto á corrosão do anno velho virá juntar-se a corrosão do anno novo, e pelos buracos que elle fizer nos andrajos dos nossos costumes, dos nossos desmazellos e dos nossos vicios, não transparecerá mais do que um corpo social invalido e esquelético, incapaz de reacção, d'esforço ou d'actividade, e irremediavelmente votado á morte moral, que é na escala da ignominia o mais cruel de todos os castigos.

Elle ahí vem, **SD**... com o mesmo parlamento a esbarrandar d'intrigas e ambiunculas corriqueiras, a mesma bobage torva nas cumieiras do Estado, a mesma inanidade nos typos, a mesma falta de iniciativa nos caracteres, e esterilidade identica nos ventres das mulheres, no cerebro dos homens, e na nucupia soffrega dos argentarios.

**SD** é mais um acto d'esta farçada da vida em que os homens se entrechocam, como Polichinellos, sem o respeito que salvou a geração de nossos avós, e sem o desprezo que foi longos annos a grande força civica de nossos paes.

—Rato d'esgoto, passa depressa, e livra-nos de ti!

